



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

DANIEL RODRIGUES CAVALCANTI

O LUGAR DO GESTO NAS TEORIZAÇÕES LINGUÍSTICAS

JOÃO PESSOA

2020

DANIEL RODRIGUES CAVALCANTI

O LUGAR DO GESTO NAS TEORIZAÇÕES LINGUÍSTICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teorias Linguísticas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376l Cavalcanti, Daniel Rodrigues.

O lugar dos gestos nas teorizações linguísticas /
Daniel Rodrigues Cavalcanti. - João Pessoa, 2020.
86 f. : il.

Orientação: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Gestos. 2. Historiografia. I. Cavalcante, Marianne
Carvalho Bezerra. II. Título.

UFPB/BC



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
DANIEL RODRIGUES CAVALCANTI**

Aos dez dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte (10/02/2020), às quatorze horas, realizou-se na Sala do PNAIC da Central de Aulas, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada **"O lugar do gesto nas teorizações linguísticas"**, apresentada pelo(a) mestrando(a) **DANIEL RODRIGUES CAVALCANTI**, Licenciado(a) em Letras pelo(a) Universidade Federal da Paraíba - UFPB, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). José Ferrari Neto, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (PROLING - UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Evangelina Maria Brito de Faria (Examinadora/PROLING-UFPB) e Paulo Vinícius Ávila Nóbrega (Examinador/UEPB). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito **APROVADO**. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 10 de fevereiro de 2020.

Observações

Prof(a). Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Evangelina Maria Brito de Faria
(Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Paulo Vinícius Ávila Nóbrega
(Examinador)

Para Clarice

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Marianne Cavalcante, pelo longo convívio, apoio, diálogo, parceria e compreensão nos momentos difíceis que se intercalaram com a construção deste trabalho.

A professora Evangelina Faria pelo encorajamento na continuidade da pesquisa e pelo suporte oferecido nas situações adversas.

A Laíse de Lima Nunes por me dar sentido.

A Eriglauber Oliveira por ser o amigo que é.

A Paulo Vinícius pelas longas conversas que anteciparam a elaboração do projeto deste trabalho, pelas conversas sobre a vida e seus percalços.

Ao professor Eduardo Vieira por ter fornecido os diversos caminhos que este trabalho poderia tomar.

A professora Isabelle Cahino pela flexibilidade, compreensão e problematizações sobre a teoria deste trabalho.

A Amélia pela ajuda e estímulo incondicionais que me impulsionaram nos momentos de felicidade e desafio.

Aos meus pais pela compreensão e apoio.

Aos meus avós por acreditarem nas minhas decisões me fortalecerem no desenvolvimento do caminho.

A Nana por suprir minhas ausências.

Aos colegas do NEALIM que em conversas diárias, desde 2013, me instigam a seguir o caminho da linguística e da aquisição.

Ao CNPq por tornar esta pesquisa possível.

A todos que fazem o Centro Espírita Nosso Lar e a Loja Rosacruz João Pessoa por me oferecem as ferramentas necessárias para executar este trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Exemplos de gestos ritmados e icônicos	59
Ilustração 2: Exemplos de gestos dêiticos	60
Ilustração 3: Exemplo de gestos metafóricos	60
Ilustração 4: Interface principal do ELAN	62
Ilustração 5: Trilhas construídas no ELAN	63
Ilustração 6: Grade do ELAN	63
Ilustração 7: trilha de tempo	64
Ilustração 8: controle de vídeo e recorte.....	64
Ilustração 9: Modelo de SRM	70
Ilustração 10: Andaime da atenção conjunta.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estado da arte	15
Tabela 2: Gestos de Kendon (1982).....	57
Tabela 3: Tipologias gestuais de McNeill e Levy (1982)	59
Tabela 4: Nova proposta de <i>continuum</i>	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PTG Paradigma Tradicional de Gramatização

CLG Curso de Linguística Geral

AC Atenção Conjunta

SD Síndrome de Down

SRM Sistemas de Referenciação Multimodal

OD Objetos do Discurso

ELAN Eudico Linguistic Anottator

RESUMO

O nascimento de uma ciência é o momento de construção de categorias e objetos de análise. Este processo de composição dos elementos é baseado no clima de opinião (KOERNER, 1996) que constrói os fatos aceitos e observáveis. A leitura dos pontos pacíficos de uma ciência é necessária para compreender as possibilidades de trabalho que foram construídas ao longo do tempo a partir das categorias e conceitos aceitos pelas pessoas que constroem o fazer científico. Este trabalho tem como objetivo principal observar de que maneira os estudos da língua e da linguagem abordaram – ou não o fizeram – o corpo como uma das partes do discurso através da produção de gestos. Partiremos de uma visão historiográfica (VIEIRA, 2018; SWIGGERS, 2012) como caminho para explicar a utilização ou não dos gestos como categoria de análise da língua. Após isto, abordaremos a hipótese de que o gesto é parte integrante do sistema linguístico (KENDON, 1972; KENDON, 1982; McNeill, 1985). Em nossa análise utilizamos o conceito de *clima de opinião* (AUROUX, 2014) e o conceito de *Paradigma Tradicional de Gramatização* (PTG) (VIEIRA, 2018) como chaves para nossa leitura. Nosso caminho investigativo utiliza critérios historiográficos para selecionar momentos históricos, autores e textos que podem ser analisados. Começamos nossa abordagem na constituição do pensamento grego clássico, avançando para as bases da linguística (SAUSSURE, 2012), passando por reflexões da filosofia da linguagem e da primatologia (BAKHTIN, 2006; TOMASELLO, 2003) para alcançar as reflexões recentes sobre a utilização de gestos como parte de uma matriz gestuo vocal (CAVALCANTE; BARROS, 2012; KENDON, 1982, 2000, 2009; MCNEILL, 2006; ÁVILA NÓBREGA, 2017; et al). Os resultados que obtivemos são: o PTG funciona como um filtro para os trabalhos da linguística, não autorizando a inserção dos gestos como categoria de análise; o conceito de língua sofre poucas alterações em sua raiz epistemológica profunda, mantendo-se costumeiramente atrelado à escrita e ao material fônico; os trabalhos com multimodalidade e aquisição de linguagem são um espaço de ruptura com o PTG e podem fornecer caminhos para um amplo debate sobre a língua.

Palavras Chave: Gestos, Historiografia, Língua.

ABSTRACT

The birth of a science is the moment of construction of categories and objects of analysis. This process of composing the elements is based on the climate of opinion (KOERNER, 1996) that builds the accepted and observable facts. Reading the peaceful points of a science is necessary to understand the possibilities of work that have been built over time from the categories and concepts accepted by the people who build scientific practice. This work has as main objective to observe how language studies and language approached - or did not do - the body as one of the parts of the discourse through the production of gestures. We will start from a historiographic view (VIEIRA, 2018; SWIGGERS, 2012) as a way to explain the use or not of gestures as a category of language analysis. After that, we will approach the hypothesis that the gesture is an integral part of the linguistic system (KENDON, 1972; KENDON, 1982; McNeill, 1985). In our analysis we used the concept of climate of opinion (AUROUX, 2014) and the concept of Traditional Paradigm for Gratification (PTG) (VIEIRA, 2018) as keys for our reading. Our investigative path uses historiographic criteria to select historical moments, authors and texts that can be analyzed. We started our approach in the constitution of classical Greek thought, advancing to the bases of linguistics (SAUSSURE, 2012), going through reflections of the philosophy of language and primatology (BAKHTIN, 2006; TOMASELLO, 2003) to reach the recent reflections on the use of gestures as part of a vocal gesture matrix (CAVALCANTE; BARROS, 2012; KENDON, 1982, 2000, 2009; MCNEILL, 2006; ÁVILA NÓBREGA, 2017; et al). The results we obtained are: the PTG works as a filter for linguistic work, not allowing the insertion of gestures as a category of analysis; the concept of language undergoes few changes in its deep epistemological root, remaining usually linked to writing and phonic material; works with multimodality and language acquisition are a space for a break with the PTG and can provide paths for a broad debate on the language.

Keywords: Gestures, Historiography, Language.

Sumário

INTRODUÇÃO	14
ESTADO DA ARTE.....	16
ASPECTOS METODOLÓGICOS	18
<i>UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA</i>	<i>19</i>
<i>DELINEAMENTO DA PESQUISA</i>	<i>21</i>
1. DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE A LÍNGUA E O LUGAR (OU NÃO) DA GESTUALIDADE	23
<i>O PENSAMENTO GREGO.....</i>	<i>23</i>
<i>FORMALISMO: SAUSSURE E O ESTRUTURALISMO</i>	<i>30</i>
<i>FORMALISMO: CHOMSKY.....</i>	<i>38</i>
<i>A LÍNGUA EM USO: BAKHTIN E TOMASELLO</i>	<i>45</i>
2. ESTUDOS GESTUAIS NO CAMPO LINGÜÍSTICO.....	54
3. PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DOS ESTUDOS MULTIMODAIS	68
CONSIDERAÇÕES	78
REFERÊNCIAS	81

Tem mais presença em mim o que me falta.

INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento humano é um constante movimento de quebras, continuidades, retornos e novos questionamentos. Saberes que remontam a tradições ou movimentos reflexivos muito antigos costumam carregar consigo alguns preceitos que são tomados como pontos pacíficos por todos aqueles que compõem esse campo de estudo.

Partindo da observação de que todo conhecimento é historicamente situado (AUROUX, 2014) e possui premissas e objetivos que se fundam na *verdade* de um – ou vários – grupo de pensadores, nos propomos a investigar a linguística, especificamente o tratamento dado aos gestos, a partir de uma abordagem historiográfica.

O nascimento do pensamento sobre a linguagem é imemorial, pois possivelmente vai além do registro que a língua consegue fazer sobre si mesma. Não obstante, seguindo a tradição grega, é factível considerar que a escrita funciona como um elemento chave para a consolidação/início de um trabalho voltado para a expressão humana através de uma língua, uma vez que a oralidade não foi considerada nos primeiros trabalhos. (AUROUX, 2014; SWIGGERS, 2013)

É comum encontrarmos reflexões que apontam o surgimento da escrita como o momento que permite/exige/evidencia a metalinguagem (AUROUX, 2014). Dessa maneira, a metalinguagem, tomada aqui na amplitude possível do termo como “pensamento sobre a linguagem”, seria ancorada na escrita. Essa hipótese, que podemos considerar como factível e falível, uma vez que pouco passível de teste, nos fornece uma primeira visão do fenômeno que nos propomos a estudar. É a escrita o carro chefe das reflexões sobre a linguagem, ao menos em seu nascedouro? Não tentaremos responder essa questão, mas a possibilidade de fazê-la em um estudo linguístico já diz muito do que podemos considerar como o *clima de opinião* que ainda permeia a linguística.

A linguística nasce a partir da necessidade de estabelecer parâmetros científicos para as reflexões sobre a língua, tal como a ciência e seu fazer eram compreendidos no intervalo entre os séculos XIX e XX. Naturalmente, para alcançar os pré-requisitos de sua época, a nova ciência teve de romper com uma parte da tradição que a originou, ao mesmo tempo em que se fundamenta nesta mesma tradição para estabelecer um novo método e um objeto bem delineados, mesmo que não completamente inovadores. (BORGES NETO, 2012)

Essa reflexão a qual voltaremos adiante, baseada Borges Neto (2012), é a mesma que nos autoriza na seleção de nosso objeto e nos fornece um mapa para nosso estudo. Ao afirmar que a linguística trabalha a partir de um objeto de análise teórico e não de um observacional, ou seja, quando consideramos que a ciência da língua nasce com o objetivo de estudar categorias e fenômenos já elencados pela tradição gramatical, estamos assumindo que a constituição de nossa área de estudos parte da ideia de que o fenômeno da língua pode ser observado a partir dos fundamentos já estabelecidos pelos estudos gramaticais. Em suma, a gramática tradicional, ou a tradição que a autoriza, fornece os fatos da língua sobre os quais a linguística trabalha, os objetos teóricos são naturalizados e tomados como objetos observacionais, como se fossem dados da própria natureza da língua, quando são produtos de um contexto histórico específico.

De maneira nenhuma construímos um apelo que vá sumariamente contra esse tipo de “continuidade”, pelo contrário, reconhecemos que as diversas tradições de estudos podem oferecer boas bases e métodos de observação e análise, mas consideramos que para utilizá-los é preciso que se tenha total discernimento de sua fundamentação teórico-metodológica.

Nesta dissertação, nosso foco central é a categoria dos gestos. Observamos de que maneiras os estudos da língua e da linguagem abordaram – ou não o fizeram – o corpo como uma das partes do discurso através da produção de gestos. Logo se nota nosso posicionamento, consideramos que os gestos produzidos através do corpo fazem parte da língua (KENDON, 2009; MCNEILL, 2006), sendo um dos elementos de seus elementos e possuindo uma sistematicidade relacionada com a produção de fala (McNeill, 1985). Partimos da seguinte pergunta: que fatores colaboraram para a inclusão, exclusão, valorização ou desvalorização dos gestos ao longo dos estudos sobre a língua?

Aqui assumimos que a maior parte, em números absolutos, de trabalhos desenvolvidos pela linguística atual desconsidera os elementos corporais como parte efetiva da língua. Tomando de empréstimo o termo *língua padrão*¹(MILROY, 2011) assumimos que a linguística, em sua larga expressão, toma a língua como objeto de estudo tal qual o faz a tradição gramatical do ocidente (VIEIRA, 2018), impedindo assim que a língua seja tomada em sua amplitude e assumindo um objeto padronizado de estudos que não condiz com a abrangência real do fenômeno abordado.

¹ Por *língua padrão* entendemos aquilo que é considerado língua. Não utilizamos o termo com o significado geralmente assumido pela sociolinguística e áreas afins.

Em síntese, compreendemos que a linguística utiliza em seus trabalhos uma *língua padrão* determinada pela tradição gramatical e que isso dificultou uma expansão na observação do fenômeno. O efeito final de tais afirmações não é inovador, o caminho de análise, o de buscar os gestos nas diferentes abordagens, é o que diferencia este trabalho de outros já realizados dentro da historiografia e da área de aquisição de linguagem.

Não temos a pretensão de abarcar a totalidade dos fatos da língua, em um sentido pragmático, conhecer o processo e os problemas da delimitação do objeto não significa a absoluta capacidade de fazê-lo diferente, nem muito menos a totalidade do tempo histórico passível de análise para nossa pergunta. Assim, elencamos os momentos históricos de produção de conhecimento que são tradicionalmente aceitos como fundantes do pensamento moderno sobre a língua, naquilo que é considerado o caminho teórico construído pela linguística atual nos trabalhos de Weedwood (2002), Martelota (2012), Lyons (2016), Fiorin (2015), Moura e Cambrussi (2018), Vieira (2018), Dezotti (2013) e Borges Neto (2012). Começaremos pelo pensamento grego clássico e alcançando os grandes pensadores de nossos tempos. Na medida do que é possível para o dimensionamento deste trabalho, faremos uma leitura do contexto de produção do conhecimento trabalhado para buscar uma compreensão do *clima de opinião* (KOERNER, 1996) que foi fundante para a abordagem tratada, sempre tendo como foco a abordagem dada aos gestos.

Consequentemente, fugimos de uma concepção linear dos fenômenos para que não caíamos na armadilha de considerar que o conhecimento sobre a língua se desenvolve de maneira progressiva, construindo reflexões sempre mais aprimoradas que as do passado ou que a própria língua evolui sempre para um estado *melhor* que o anterior. (cf. FIORIN, 2008) Nossa leitura é a de que rupturas, continuidades e inovações são constantes no desenvolvimento das reflexões sobre a língua.

Estado da arte

Para fazer um levantamento dos trabalhos já realizados em aquisição de linguagem ou historiografia que abordem a categorias dos gestos e seu desenvolvimento, realizamos busca nas seguintes bases de dados: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, banco de teses e dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Os descritores (palavras-chave) utilizados nas buscas em todas as bases de dados foram: gestos e linguística; gestos e aquisição da linguagem; teorias dos gestos. Estes descritores deveriam constar no resumo ou título dos trabalhos dos últimos dez anos de pesquisas científicas, ou seja, entre 2010 e 2020.

Pela amplitude do significado da palavra *gesto* resultados distorcidos apareceram em nossas buscas iniciais, indo desde gesto enquanto ação do órgão corporal ou movimento de pesquisa até questões de leitura semiótica de obras de arte, por isso restringimos a pesquisa ao campo das ciências humanas e de linguística ou letras quando foi possível.

Tabela 1: estado da arte

Ferramenta	Descritor	Artigos	Teses	Dissertações	Livros	Total
SciELO	Gestos e linguística	19	-	-	-	19
	Gestos e aquisição de linguagem	5	-	-	-	5
	Teorias dos gestos	1	-	-	-	1
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	Gestos e linguística	-	15	18	-	33
	Gestos e aquisição de linguagem	-	1	3	-	4
	Teorias dos gestos	-	1	10	-	11
Banco de Teses	Gestos e linguística	-	-	-	-	-

Dissertações (CAPES)	Gestos e aquisição de linguagem	-	186	478	-	664
	Teorias dos gestos	-	-	-	-	-

Fonte: do autor

Nossas buscas revelaram diversos trabalhos que utilizam os gestos como objeto de análise ou de constituição de experimentos. Partindo desde a investigação em situações controladas até intervenções em clínicas fonoaudiológicas.

Dentre as teses e dissertações encontramos trabalhos, como o de Brandão (2015) e Oliveira (2008), que utilizam os gestos como categoria de análise para estudar a natureza multimodal da língua, mas não se propõem a debater o gesto em si. Desta forma, focamos nossa atenção nos trabalhos que elegem o gesto como ponto de discussão em si mesmo, seja através da análise de dados ou de reflexões teóricas.

Não obstante, não encontramos pesquisas que tenham uma historiografia, uma história ou reflexões sobre as abordagens oferecidas aos gestos no desenvolvimento de nossa tradição de abordagem do fenômeno da língua. Por isso, elencamos para nossa pesquisa aqueles trabalhos que desenvolveram uma nova formulação teórica para os estudos gestuais ou que lançaram propostas de ampliação dos debates epistemológicos. Estes trabalhos serão discutidos após a leitura dos teóricos que embasam a maior parte dos estudos com gestos.

Aspectos Metodológicos

A construção desta pesquisa seguiu o caminho aparentemente mais representativo do que seria uma linha do desenvolvimento das reflexões sobre a língua. O caráter cronológico é inevitável, ao lado dele buscamos os momentos tradicionalmente considerados como mais representativos do desenvolvimento do fenômeno que nos propomos a analisar. Naturalmente, a abordagem historiográfica dos fenômenos também contribui para o delineamento e movimento de análise, como explicitaremos a seguir.

Uma abordagem historiográfica

Um trabalho que se propõe a discutir a constituição de uma categoria de análise dentro de uma ciência, como é o caso deste, precisa construir uma crônica histórica dos fatos que busca elucidar e propor uma leitura reflexiva do conteúdo encontrado. Assim como Swiggers (2019), consideramos

a Historiografia Linguística como o estudo de formas de conteúdo, configurações contextuais e processos dinâmicos do conhecimento linguístico [...] para aprimorar nossa compreensão desses vários componentes ou dimensões. (Swiggers, 2019, p. 53-54)

Isso significa que a Historiografia Linguística pode ser encarada como um fazer científico em si mesma que reúne duas competências, a saber: a historiográfica e a linguística. A relação das duas consiste em elencar os fatos históricos da maneira mais neutra possível, relacioná-los com o contexto histórico de sua produção e interpretá-los a partir de uma leitura especializada nos estudos sobre a linguagem. Ou de maneira mais simples:

A Historiografia Linguística, ou Historiografia da Linguística, pode ser definida como a atividade cientificamente fundamentada, de escrever a história do estudo sobre a linguagem. (Swiggers, 2019, p. 47)

Em síntese, o trabalho consiste em utilizar uma base científica, que inclui o conhecimento necessário para abordar os temas e suas relações, para construir uma crônica histórica que relacione os contextos, os momentos e os conhecimentos construídos.

Afinal,

A Historiografia Linguística que ambicionar descrever e explicar a história das ciências da linguagem, e os fatores que puderem ser associados ao seu desenvolvimento, deve ambicionar igualmente examinar as circunstâncias de produção e recepção do conhecimento que se constrói sobre a linguagem e as línguas. Dessa perspectiva, a Historiografia Linguística tem como objetivo a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes que, por sua vez, geraram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidades e descontinuidades, de avanços e de retomadas, inerentes à busca de conhecimento. As maneiras pelas quais o conhecimento linguístico se produziu, desenvolveu, foi divulgado e percebido, também fazem parte, em suma, da sua história. (ALTMAN, 2019, p. 31)

O nosso propósito em muito se assemelha ao proposto por Altman (2019). Além disso, consideramos fazer historiográfico não possui um método rígido para o desenvolvimento desse tipo de abordagem, visto a especificidade que cada proposta de análise carregará de acordo com o material a ser analisado. Assim, seguimos a proposta de Koerner (1996) ao afirmar que

não se pode dizer que há, em algum grau satisfatório, uma maneira única de proceder na pesquisa historiográfica em linguística, ou cânones estabelecidos que sejam amplamente aceitos pela comunidade acadêmica. [...] É importante compreender, entretanto, que devido à natureza particular do assunto sob investigação, nomeadamente, teorias da linguagem (e teorias da lingüística), sua aplicação e sua evolução através do tempo, os historiadores da linguística devem insistir em buscar seu próprio quadro de trabalho, sua própria metodologia e epistemologia [...]. (KOERNER, 1996, p. 46)

Desta maneira, nosso trabalho se faz através da visitação de textos clássicos para a linguística e de textos fundamentais e inovadores dentro da área de aquisição de linguagem, pois aqui encontramos um lugar propício para os estudos gestuais, buscando analisar possíveis relações entre os momentos de fundação do pensamento sobre a língua, suas continuidades e rupturas e o tratamento dado aos gestos.

Neste sentido, Koerner (1996) nos fornece um conceito que será central ao longo de nossas discussões. Mesmo que não seja amplamente citado é um dos pontos centrais que fundamentam este trabalho. Koerner trabalha o conceito de *clima de opinião* que é a constatação de que aquilo que um grupo de pesquisadores considera como verdade se torna uma espécie de consenso coletivo sobre o que é *a verdade* e quais são *os fatos*. Esse conceito é construído a partir de Becker:

Se argumentos são aceitos ou não, depende menos d lógica que veiculam do que do clima de opinião em que são sustentados. O que torna a argumentação de Dantes, ou a definição de São Tomás sem sentido para nós – não é a má lógica ou falta de inteligência, mas o clima de opinião medieval – aquelas concepções instintivamente sustentadas, no sentido amplo, aquela *Weltanschauung*, ou visão de mundo – que impuseram a Dante ou a São Tomás um uso peculiar da inteligência e um tipo especial de lógica. Para compreender porque nós não conseguimos seguir facilmente Dante ou São Tomás, é necessário entender (e saber como pode ser) a natureza deste clima de opinião. (BECKER, 1971, p. 5 apud. KOERNER, 1996, p. 51 – grifos do autor)

Essa percepção é basilar para nossas leituras dos gestos ao longo dos estudos sobre a língua, pois, reafirma e reelabora a visão saussuriana de que *o ponto de vista cria o objeto*. É justamente em busca desse ponto de vista e das repercussões nos objetos que iremos neste trabalho.

Vale ressaltar que não estamos afirmando que o clima de opinião é um fator negativo na produção do conhecimento, visto sua inevitabilidade. Afinal, a ideia de que estamos produzindo a partir do que já foi produzido é um dos pilares das reflexões atuais sobre a língua, passando, inclusive, por um processo de conceitualização e ampliação através de Tomasello (1999) com o *efeito catraca*, isto discutiremos no capítulo 3.

Então, é necessário que um pesquisador se baseie em outros e faça considerações a partir do já dito, sem, contudo, quebrar completamente com as expectativas e *verdades* de seus colegas. Não obstante, situações de ampliação/mudanças nas ciências se caracterizaram exatamente pelo forte questionamento do então *clima de opinião* estabelecido².

Em nosso trabalho esse conceito será utilizado com o intuito de afirmar que a observação do clima de opinião sobre a linguagem guiou – e ainda guia – os estudos que se desenvolveram ao redor deste objeto. Isto significa dizer que nenhuma ciência é desprovida de aspectos sócio históricos que a influenciam, especialmente aquelas que observam fenômenos humanos que não se constituem como objetos de análise *a priori*, sendo na verdade o seu recorte já um ponto de vista sobre os fatos. Afinal,

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão, assim como um horizonte de projeção. (SWIGGERS, 2014)

Assim, tomamos estes preceitos e a necessidade de construir uma linha de observação para elencar alguns critérios de análise que delimitam os textos que abordamos neste trabalho. Estas definições vêm no tópico a seguir.

Delineamento da pesquisa

A seleção de quais autores, leitores e textos devem fazer parte deste trabalho é uma de suas atividades essenciais. Para seguir com nossa proposta de análise elencamos alguns critérios que permearão todos que são aqui citados.

O primeiro critério que elegemos é o da relevância histórica para a área. Esta relevância não é medida por nós, é dada pelo *clima de opinião* de nossa época, especialmente através dos textos que buscam contar a história da linguística. Então, buscamos trabalhar com autores, especialmente os teóricos, que são corriqueiramente citados nos manuais e livros que tratam da história da linguística que já citamos.

O segundo critério é o da inovação teórica. Mais uma vez, essa grandeza é fornecida pelos manuais e livros de história da área, mas a este critério somamos um outro, essa

² Este conceito já foi abordado em outras áreas do conhecimento com diferentes propósitos. Um exemplo clássico é a noção de *Zeitgeist*, abordado por Hegel em seu texto *Filosofia da História*, que estabelece a noção de que o tempo, no sentido de momento histórico, influenciaria a produção da arte e de outras formas do conhecimento. Para mais informações é interessante a leitura de Lebrun (2006).

inovação precisa ser tomada de uma perspectiva gestual, então, teóricas importantes para diversas áreas da linguística não serão debatidos na medida em que não representaram um movimento de mudança ou permanência para o status dos gestos.

O terceiro critério, este voltado para os textos atuais, é o da inovação. Aqui não podemos contar com o auxílio dos livros e manuais. Elencamos dentre os trabalhos que tratam dos gestos, no caso da linguística brasileira mais fortemente na área de aquisição de linguagem, aqueles que trazem um novo olhar para questões importantes no desenvolvimento dessa linha de pesquisa. Naturalmente, nossa reflexão se iniciará na Grécia clássica, no momento em que as linhas gerais do pensamento ocidental sobre a linguagem foram escritas.

Os Capítulos

Esta dissertação é dividida em três capítulos: o capítulo 1 *Diferentes abordagens sobre a língua e o lugar (ou não) da gestualidade* realizamos um longo caminho histórico. Partimos das bases do pensamento grego, buscando encontrar entre os clássicos alguém que tenha dado aos gestos alguma maneira de respaldo em seu trabalho. Ao mesmo tempo, buscamos construir uma reflexão sobre a natureza do trabalho que foi realizado com a língua a partir da filosofia e dos gramáticos para entender as razões que levaram a maioria dos pensadores gregos a não incluir a gestualidade como parte de seus trabalhos. Aqui encontramos as raízes metodológicas que servirão de base para as reflexões dos capítulos seguintes. Do pensamento grego saltamos para Saussure e o Estruturalismo. O recorte temporal pode parecer excessivamente longo, mas não encontramos neste percurso temporal grandes alterações no arcabouço que foi constituído na antiguidade clássica. É evidente que trabalhos foram realizados, especialmente no âmbito da filosofia romântica, que de alguma maneira encontraram nos gestos um caminho de abordagem, mas tais trabalhos não produziram maiores repercussões além de sua própria execução, de tal maneira que abordá-los não se fez central para nossa leitura.

Saindo de Saussure encontraremos Chomsky para através dele debatermos o behaviorismo, a modularidade da mente e sua premissa cognitivas básicas. Nosso intuito não é o de descrever minuciosamente a teoria construída, mas de observar em suas linhas gerais os elementos que autorizaram ou desautorizaram uma abordagem gestual para a língua.

Encerrando este primeiro capítulo nos encontramos com Bakhtin, Tomasello, Bruner e outros autores que constroem uma abordagem dos fatos linguísticos diferente das duas anteriores, além de possibilitar ou produzir quebras com a tradição grega, que vem vigorando com eficácia e força até o pensamento chomskiano.

No capítulo 2 *Estudos Gestuais no campo linguístico* encontramos os estudos basilares que estão diretamente voltados para os gestos enquanto objeto de análise. Aqui temos as reflexões de Kendon e McNeill como carro chefe da discussão que se constrói em relação com as reflexões de Bakhtin, Bruner e Tomasello do intervalo anterior.

Por fim, no capítulo 3 *Perspectivas contemporâneas dos estudos multimodais* faz uma breve leitura de tendências atuais nos estudos com gestualidade. Procuramos eleger, através do critério de inovação conceitual, trabalhos a nível de dissertação e tese que se insiram numa leitura multimodal da língua e representem inovações para a área. Seguido das *Considerações Finais e Referências*.

1. Diferentes abordagens sobre a língua e o lugar (ou não) da gestualidade

A tradição grega é a base da civilização ocidental. A filosofia clássica é a base de nossa ciência e de toda a filosofia moderna. Quando pensamos na língua, não pode ser diferente. A maneira grega de olhar para a língua e para a linguagem são o ponto de partida dos trabalhos desenvolvidos até nossos dias.

Esse legado, como todos os outros, traz pontos positivos e negativos para quem os recebe. Aqui, tentaremos expor qual é o legado grego para o nosso objeto de estudo, os gestos.

O pensamento grego

As reflexões sobre a língua desenvolvidas na Grécia e aprimoradas em Roma e no desenvolvimento das gramáticas da línguas medievais são a grande base de todo o mecanismo ocidental para a observação de línguas. A maneira grega de encarar – e determinar – os fatos da língua funcionam como base para a própria linguística, o que não é estranho, tomando a construção histórica do conhecimento, mas é até certo ponto limitador da ciência.

Estudos como o de Vieira (2018) e o de Bagno (2011) elucidam as influências do pensamento grego na construção do modelo gramatical que temos até hoje e no plano de investigações da linguística que nasce dentro deste modelo utilizando o arcabouço teórico herdado da antiguidade.

Isso em muito nos interessa, pois ao encontrar nos trabalhos gregos o surgimento do fazer de nossa ciência nos deparamos com a possibilidade de elucidar o processo que constituiu a língua como material fônico e escrito, descartando os gestos desse arcabouço de investigações.

O que até o momento estamos tratando como influência do pensamento grego na linguística atual é melhor definido por Vieira (2018) ao construir a noção de Paradigma Tradicional de Gramatização (PTG). Partindo de Aurox, Vieira elabora um olhar para o conhecimento sobre a língua que

Abarca a elaboração de instrumentos de gramatização tanto no período da segunda revolução técnico-linguística – marcado pelo progressivo declínio do latim e pela ascensão, desenvolvimento e consolidação dos vernáculos europeus como línguas de cultura escrita – quanto em épocas anteriores e posteriores. O PTG se constitui a partir de uma ramificação dos estudos linguísticos oriundos da filosofia grega clássica e se tornou o mentos teórico-metodológico e socioideológicos do que tradicionalmente vem se entendendo por gramática [...]. (VIEIRA, p. 10, 2018)

Não queremos aqui supor a existência de uma linha contínua entre o conhecimento produzido na filosofia grega e as bases da linguística. A ideia do conhecimento como um acúmulo de saberes somados ao longo do tempo não condiz com a realidade social, política, geográfica, ideológica e filosófica que permitem e proíbem as mais diversas maneiras de pensar. Esse olhar nos distancia de trabalhos anteriormente construídos e com certa repercussão na área especialmente por seu caráter quase inaugural no fazer historiográfico. Estamos nos referindo aos trabalhos de Mounin (1970), que afirma que

se pode seguir durante dois milênios e meio – desde Platão até Descartes, Leibniz e Condillac, e destes até Bréal, e, sem dúvida, Saussure – a teoria da “arbitrariedade do signo”. Ou ainda, durante igual período – de Aristóteles e dos estoicos até Isidoro de Sevilha, e de Donato até a escola primária do século XX – uma história do desenvolvimento da análise da linguagem [...] (MOUNIN, 1970, p. 9)

A ideia de uma linearidade no desenvolvimento do conhecimento sobre linguagem não condiz com a sequência histórica de ascensões e declínios de sociedades humanas. Neste trabalho, por exemplo, observaremos como os gestos eram relevantes para a formação de bons oradores na Grécia clássica, e, por isso, objeto de estudo e reflexão, enquanto foram

esquecidos no desenrolar dos estudos gramaticais posteriores, pouco interessados na língua em sua construção real.

O PTG é uma ampliação do debate de Auroux (2014) que constrói os conceitos de gramatização e dicionarização que seriam os alicerces da reflexão grega sobre a língua. Para Auroux, estas duas tecnologias definiram o modelo de observação das línguas ao longo do desenvolvimento de todo o ocidente, pois se estabeleceram como o modo padrão de encarar os fatos.

Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentalizar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário.(AUROUX, 2014, p. 65)

A ideia da gramatização como uma tecnologia, ampliada pelo da constituição de um paradigma constroem um método e um objeto de análise bem delimitados: a palavra escrita. Essa delimitação restringe o debate, até mesmo o atual, ao objeto das duas tecnologias mencionadas por Auroux, o que impediria a elaboração de trabalhos que fujam desse *objeto focalizado* de reflexão.

Uma vez que a gramática e o dicionário surgem como o mote das investigações, uma leitura ampliada que inclua gestos e outros elementos intrínsecos às situações de uso da língua parece pouco provável. Não obstante, os gregos produziram obras diversas para além de gramáticas ou técnicas, como debateremos adiante. Mas, os manuais técnicos de utilização da língua obtiveram uma influência muito mais expressiva na história da construção do pensamento sobre a língua do que outros trabalhos, como as retóricas.

Com isso afirmamos que os gregos possuíram trabalhos de características diversas sobre a língua de acordo com a necessidade que cada pensador procurava sanar. O estabelecimento da *Tékhne* como base da reflexão ocidental a posteriori é mais em função do contexto político linguístico de tentativa de manutenção de uma tradição linguística e literária ameaçadas do que pela continuidade dos trabalhos mais eficazes em seus objetivos próprios ou na tarefa comum de analisar/descrever a língua e seus usos.

É relevante ainda ressaltar que reconhecer o Paradigma Tradicional não significa a necessidade ou a busca de sua destituição total ou deslegitimação dos conhecimentos produzidos por e através dele. Como bem ressalta Vieira

De antemão, convém dizer que não reduzo o PTG a seu caráter dogmático e prescritivo, nem o coloco em posição dicotômica a uma linguística moderna e científica. Tal atitude

distorceria o processo socio-histórico de constituição e desenvolvimento do paradigma, mascarando a amplitude de seu alcance teórico. Afinal, embora costume se autodeclarar oposta ao PTG, a linguística não se desvencilhou completamente, por exemplo do arcabouço conceitual e categorial que os antigos gramáticos nos deixaram de legado. Verbo, advérbio, sujeito, predicado, concordância, preposição, coordenação, subordinação, flexão, derivação etc. são noções frequentes nas pesquisas dos linguistas contemporâneos, assim como foram e são na metalinguagem e nas prescrições da tradição gramatical. Tudo indica que uma ruptura absoluta nesse sentido dificilmente acontecerá e provavelmente não precisará acontecer. (VIEIRA, 2018, p. 12)

A eficiência do arcabouço teórico e metodológico da tradição grega na função de analisar e determinar fenômenos da língua é inquestionável. A longevidade e a extensa aplicação em diferentes línguas, momentos históricos, e, até mesmo, com os mais diferentes objetivos, revelam que esse modo de operar é muito eficiente no que se propõe.

É provável que esse sucesso nas mais diversas aplicações se dê pela capacidade desse mesmo arcabouço de lidar com situação de regularidades e irregularidades diversas. O que é tradicionalmente representado pelo par analogia x anomalia³, debatido por diversos autores, como Vieira (2018) Altman (2019) e Aouroux (2009). A analogia foi, sem dúvidas, a mais utilizada para descrever/prescrever a língua, aparecendo até mesmo como metodologia de ensino de gramática nas aulas de língua do século XXI.

Logo, o trabalho dos gregos se subscreeve, entrando em um movimento de legitimação dos fenômenos com base em fenômenos já observados, impedindo que uma leitura ampliada pudesse acontecer. Nada parece mais natural ao estudioso da língua do que as palavras e suas classes. As categorias utilizadas para analisar a língua são um bom exemplo de continuidade de uma tradição de pensamento sobre a linguagem que persiste desde a *Tekhne*, de Dionísio, e *Sofista*, de Platão.

A tradição gramatical grega, exemplificada aqui via Dionísio, tinha como meta garantir a sobrevivência da língua e dos textos considerados fundamentais para a cultura daquele povo. Consequentemente, o trabalho que foi feito com a língua era necessariamente técnico e regulador dos usos, buscando uma adequação ao idioma tal qual presente nas grandes obras. Já em Platão, apesar de todo o pensamento utilizar categorias da gramática grega, o objetivo era construir

³ Este par faz referência à uma noção gramatical de analogia. É análogo aquele fenômeno da língua que acontece de acordo com os padrões observáveis em outros fenômenos. Consequentemente, a anomalia é o fenômeno que não pode ser explicado a partir das regras gerais do sistema ou em comparação com outros fenômenos. Vale ressaltar que no mundo grego uma boa parte dos casos considerados anômalos eram parte de um complexo processo fonológico então desconhecido.

uma ampla investigação sobre o nível de garantia da linguagem enquanto meio de informação e conhecimento, isto é, do quanto ela pode assegurar que a informação e o conhecimento que veicula sejam verdadeiros. (DEZOTTI, 2013, p. 27/28)

Os dois modelos de investigação utilizam as divisões do discurso como ponto de partida para suas reflexões e estabelecem uma maneira de abordagem do fenômeno da língua que predomina em boa parte dos estudos modernos: a palavra, falada ou escrita como centro das análises e como a *própria língua*. Essa escolha do objeto de análise, como já comentamos, foi definidora para o pensamento linguístico ocidental. As categorias gramaticais, futuramente ampliadas e revistas, foram o cerne das investigações linguísticas por séculos e serviram de base para o surgimento da linguística.

A observação da constituição das categorias ou “partes do discurso” nos é relevante, pois demonstra o conceito de língua que subjaz os trabalhos clássicos. É interessante que as partes do discurso serão posteriormente vistas como “classes de palavras”, ou seja, o discurso pode ser tomado pelas palavras que lhe compõem, o que mais uma vez privilegia a percepção de língua como escrita.

Entretanto, se olharmos para as diferentes obras produzidas no que podemos chamar de estudos clássicos encontraremos diferentes maneiras de encarar o fenômeno da língua. Um bom exemplo disso são os sofistas, que para além da gramática, ensinavam a arte da persuasão, da lógica e da dialética, mas com pouco interesse nos usos de gestos.

Isto se dá especialmente pelos diferentes trabalhos terem diferentes objetivos e limitações. Como já citado, as *Tekhne* foram as mais influentes na constituição do PTG, mas outros trabalhos, como o de Quintiliano, por volta de 40 d.C., oferecem outra perspectiva, pois são focados na *Actio*, algo que podemos interpretar como *fala* ou *enunciação* (cf. MÜLLER, 2013).

Quintiliano fazia parte, já no mundo romano, de uma categoria de professores especializada em retórica e oratória. A habilidade de debater e falar em público era louvada em Roma como necessária para todos aqueles que queriam destaque social de algum tipo, seja a capacidade de falar em prol de uma comunidade, de debater em uma assembleia ou de discursar para o exército. Essa prática é uma herança do mundo grego, pois em Atenas

Ainda que os principais chefes de Estado, gerais e magistrados pudessem provir das antigas famílias [aristocráticas], seu sucesso político dependia de sua habilidade para obter a preferência do povo contra adversários e também para conquistar apoio para suas políticas em face de intensas críticas, intrigas e maquinações numa cidade relativamente pequena. (VOEGLIN, 2009, p. 350)

O domínio da fala em público era central na vida do ateniense e, posteriormente, na vida de um cidadão de Roma. O ensino da oratória se expande na medida em que a república romana começa a distribuir direitos entre os diferentes habitantes do império. Com a promulgação da lei Acília, de Caio Graco, o habitante do império, mesmo que não romano, passa a ter direito a denunciar e a falar em debates públicos. A fala pública se torna um elemento de ascensão e reconhecimento social (cf. CURTIUS, 2013), inclusive para os romanos de destaque e membros da aristocracia. Logo, falar em público se torna a principal atividade para uma boa parte da população e uma habilidade a ser buscada por todos que almejam a alguma projeção ou a própria defesa.

O interesse na oratória provoca o crescimento no número de professores e o aprimoramento das técnicas, manuais são construídos para facilitar o ensino e a comercialização do serviço. As famílias investem na formação dos jovens contratando um professor que os acompanha ao longo de seu crescimento, oferecendo técnicas de persuasão e lógica das mais diversas naturezas. O orador passa a ser o homem político, um modelo ideal do homem do mundo civilizado romano (DUPONT, 2000) e a sua oratória lhe confere um status de poder e reconhecimento.

É importante observar que a valorização do orador em Roma não condiz com o orador da Grécia de séculos antes. Após as críticas de Platão, os sofistas, que de certa maneira faziam este papel na Grécia, eram tidos por muitos como aqueles que tentam convencer até de uma mentira, pois a constituição da fala não buscava a verdade das coisas, apenas o convencimento. Essas duas maneiras de perceber, a romana como um cidadão de destaque e a grega como alguém disposto a convencer de qualquer coisa, pode nos indicar que a não inclusão dos gestos no PTG provém da má repercussão que os sofistas⁴ gozavam quando da época da elaboração das gramáticas, especialmente por parte dos alexandrinos, que deram continuidade à tradição filosófica baseada também em Platão.

Afinal, como veremos em Platão, se a prática da retórica sofista era tida como negativa, podemos supor que os elementos que lhe dão suporte também eram alvos dessa mesma visão, pois o clima de opinião da época não era favorável, uma vez que a gestualidade era uma característica das práticas sofistas de persuasão, seu estudo foi restrito. Platão

⁴ Os sofistas eram pensadores gregos que viajavam pelas cidades fazendo discursos de cunho racionalista e vendendo seus cursos de retórica e oratória. Para Platão os sofistas não buscavam a verdade, buscavam apenas o convencimento das massas através de analogias fracas e relativizações dos conceitos e da verdade.

considerava que "a retórica não deve conhecer como as coisas são em si mesmas, mas descobrir algum mecanismo persuasivo de modo a parecer, aos ignorantes, conhecer mais do que aquele que tem conhecimento" (PLATÃO, 2011, p. 213). A recusa ao modo de trabalhar a verdade pode se traduzir em recusa aos mecanismos utilizados para isto, em nosso caso, um provável impedimento para uma observação dos gestos durante a fala pública. Assim, os gestos ficariam associados ao descrédito conferido às práticas que buscavam “a manipulação da verdade”.

Voltando ao mundo romano em que os oradores são valorizados e bem quistos, tomamos a Rhetorica de Quintiliano. Provavelmente motivado pela própria natureza do trabalho com a retórica, pelo desenvolvimento de uma técnica avançada e aprimorada em relação aos outros oradores, o romano construiu um vasto estudo sobre as funções comunicativas da linguagem falada. Os estudos abarcaram a produção dos gestos, a utilização do corpo e a sincronia destes com a fala, focando em diversas maneiras de utilizá-los na retórica como mecanismo da língua:

No auge da retórica clássica, Quintiliano desenvolveu um entendimento detalhado das funções comunicativas dos gestos co-verbais. Quintiliano se destaca entre outros retóricos ao considerar a atuação, a performance corporal que acompanha um discurso, um aspecto importante da performance de um orador no palco. Em suas palestras para um orador *Institutionis oratoriae* (Quintilian, *Institutionis oratoriae* XI 3, 92-106), ele distinguiu gestos relacionados a partes do discurso (começo, narração, debate, acusação, convicção), gestos que expressam atos de fala (acusando, denunciando, prometendo, aconselhando, elogiando, afirmando, questionando), gestos que expressam postura e emoções afetivas (certeza, nitidez de acusação, ênfase, afirmação, modéstia, ansiedade, admiração, indignação, medo, remorso, raiva, recusa) e gestos relacionados à estrutura da fala propriamente dita (apresentar, estruturar e enfatizar a fala, enumerar evidências e discriminar diferentes aspectos mencionados verbalmente)⁵. (MÜLLER, 2013, p.55 – tradução nossa)

As observações de Quintiliano são uma pista de que um tratamento mais amplo do fenômeno da linguagem pode ter acontecido em outras esferas do conhecimento que não a filosofia e a gramática. Naturalmente, isso lega aos estudos gestuais da linguística atual um

⁵At the height of classical Rhetoric, Quintilian developed a detailed understanding of the communicative functions of co-verbal gestures. Quintilian stands out among other rhetoricians by considering the action, the bodily performance coming along with a speech, a major aspect of an orator's performance on stage. In his lectures for a speaker *Institutionis oratoriae* (Quintilian, *Institutionis oratoriae* XI 3, 92–106) he distinguished gestures relating to parts of speech (beginning, narration, debate, accusation, conviction), gestures expressing speech-acts (accusing, denouncing, promising, advising, praising, affirming, questioning), gestures expressing affective stance and emotions (certainty, sharpness of accusation, emphasis, affirmation, modesty, anxiety, admiration, indignation, fear, remorse, rage, refusal) and gestures which relate to the structure of speech itself (presenting, structuring, and emphasizing the speech, enumerating evidences, and discriminating different aspects mentioned verbally).

passado clássico pouco conhecido e uma narrativa de fundação histórica da área em um passado longínquo.

Não há relatos amplamente divulgados de que os estudos dos gestos tenham se transformado em uma categoria de estudo da língua, Müller afirma que Quintiliano parece ser solitário em suas reflexões, neste ponto discordamos da autora, pois o próprio Quintiliano escreve sobre colegas que trabalham os gestos na oratória como ele. Apesar disso, ele traz a noção de que os gestos são parte da língua, ao menos no nível semântico o que só seria recapitulado na linguística na década de 1970. Autores como Cienki (2013), Müller (2013) e Wollock (2002) defendem que o Renascimento e o Romantismo teriam sido momentos de retomada das discussões sobre os gestos e a língua, mas a pouca literatura sobre estes movimentos limita nossas reflexões.

Aqui vale ressaltar que os primeiros ensaios aristotélicos sobre as categorias constroem uma noção de conjunto – de seres, coisas, nomes etc. – que servirá de base para a estrutura das gramáticas alexandrinas e da própria noção de ciência. A noção de categoria é uma abstração humana que constrói parâmetros para a observação da realidade e a divide a partir destes, em nosso caso, uma classificação da língua, ou de seus fatos, o que permitirá a necessária metalinguagem.

Categorizar é oferecer ao pensamento a existência de um sistema que autorize ou desautorize as relações. Ao aplicar esta forma de pensar a linguagem, os gregos, em especial Platão, atribuem à língua a noção de que as palavras são um *equívoco necessário* para o funcionamento do pensamento, pois a linguagem passa a ser vista como um elemento necessário e a serviço da lógica e da filosofia. (MOURA e CAMBRUSSI, 2008)

Aqui, faremos um salto histórico para o pensamento saussuriano. Como afirmamos na introdução, não desconsideramos que este longo intervalo de tempo contenha avanços de diversos tipos na observação da linguagem e na filosofia, mas consideramos que o PTG regulou as principais obras desenvolvidas na época, não autorizando grandes rupturas. Sendo assim, passemos ao pai da linguística.

Formalismo: Saussure e o estruturalismo

A tradição gramatical do ocidente é – em certa medida – um movimento de continuidade dos trabalhos greco-romanos que tinham os efeitos enunciativos como um dos nortes de abordagem, seja na filosofia, na retórica ou na poética. O surgimento da escrita

fixa a língua e possibilita/exige o surgimento de uma metalinguagem⁶. As gramáticas e dicionários surgem como os primeiros objetos de um *processo de gramatização*⁷ que descreve, instrumentaliza e rege a escrita.

A consequência de todo esse processo, como vimos no tópico anterior, é a tomada da língua pelas suas categorias que são mais facilmente observáveis a partir da fixação escrita. Logo, língua e escrita, apenas, se misturam como que em um único objeto, criando a falsa imagem de que a língua é apenas a escrita ou possui muitas de suas atribuições, em especial a visão de que a língua é uma entidade autônoma e possível de ser tomada em si e por si mesma.

Este processo é o que Bagno chama de *hipóstase*, que é

um equívoco cognitivo que se caracteriza pela atribuição de existência concreta e objetiva (existência substancial) a uma realidade fictícia, abstrata ou meramente restrita ao caráter incorpóreo do pensamento humano (BAGNO, 2011, p.357)

O processo grego de construção de gramáticas não cai neste equívoco se considerarmos aquilo que se toma como objetivo do trabalho: catalogar uma língua quase não mais utilizada, para permitir a leitura de textos antigos. Mas é exatamente este equívoco que se materializa quando a abordagem grega é utilizada *a posteriori* para línguas modernas e em uso. A língua enquanto entidade gramatical normativa é uma hipótese, não um fato, pois as categorias utilizadas possuem suas bases em uma língua específica e, já nesta, constituem uma hipótese sobre si mesma.

É aqui que encaixamos as reflexões saussurianas sobre a linguagem. Sendo vítima fatal, como todos nós somos, do clima de opinião⁸, da tradição de pesquisas e, principalmente, da tradição do pensamento gramatical, Saussure estabelece para a linguística um conjunto de categorias de análise que são firmadas na tradição de análise de línguas baseada nos conhecimentos gramaticalizados e herdados do pensamento greco-romano. Ou seja,

a Linguística não teoriza sobre um objeto observacional, mas sim sobre um objeto teórico já constituído pela gramática tradicional. Ou seja, a Linguística naturaliza os objetos teóricos da gramática tradicional e os protocolariza, confundindo-os com a própria realidade. (BORGES NETO, 2012, p.24)

⁶ SOUSA, 2012.

⁷ AUROX, 2014.

⁸ KOERNER, 1996.

Como afirma Vieira (2018), a gramática constrói um modelo de língua baseado em sua modalidade escrita, tal paradigma vem sendo tomado pela linguística como ponto de partida de suas análises na medida em que as categorias de análise e o método utilizado se mantêm. A consequência mais imediata para nós é a total ausência dos estudos em gestos nas primeiras décadas desse tipo de abordagem: afinal, analisar a produção linguística do corpo não foi em nenhum momento um objetivo do processo de gramatização.

A constituição do estruturalismo traz a noção de língua enquanto estrutura (gramatical) e não considera a produção do corpo como parte integrante do fenômeno linguístico. *Estrutura* é visto como um elemento essencialmente *da língua*, ou seja, das palavras que podemos falar e, sobretudo, escrever.⁹

A ideia de que a língua possui uma estrutura flerta diretamente com as categorias gregas de análise e com o *Paradigma Tradicional de Gramatização* utilizado no pensamento tradicional sobre a mesma. Aqui, Mattoso Câmara (1967), ao citar Hrabák, pode nos guiar ao lembrar que o *estruturalismo não é uma teoria nem um método, é um ponto de vista epistemológico*¹⁰. O que bem nos lembra Saussure ao afirmar que o ponto de vista constrói o objeto (SAUSSURE, 2012, p. 45).

A noção de estrutura implica a noção de sistema. Quando se parte do ponto de vista de que existe um sistema e que este pode ser tomado a partir de sua estrutura, os elementos observáveis da língua serão de alguma maneira encaixados nesta estrutura em prol deste sistema.

Essa noção - que ao nosso ver bem define o paradigma estruturalista - não tem nascimento na própria linguística, como promovem alguns trabalhos. O próprio Mattoso Câmara (1967) transcende a divisão disciplinar do conhecimento e tenta elucidar as bases sociológicas e filosóficas do pensamento estruturalista que

⁹ Não só os gestos foram deixados de fora da análise da linguística, diversos outros fatores intrínsecos à enunciação foram abandonados ou tiveram o início de suas análises barrado por esta concepção, o que mudou com a virada pragmática. Naturalmente, neste trabalho manteremos o foco nos gestos.

¹⁰ Ressaltamos que a percepção do estruturalismo como um ponto de vista epistemológico que guiou e ainda guia a linguística não é um total apelo à sua destituição. Reconhecemos no nascimento da ciência a necessidade de estipular uma área e um objetivo de trabalho. Este debate nos serve para ampliar o recorte inicialmente proposto a partir de um olhar multimodal. Por consequência, também este trabalho participa da noção de que a língua pode ser vista como estrutura e sistema, uma vez que estes conceitos abarquem a noção de interação e da corporeidade do fenômeno que aqui trabalhamos através dos gestos.

Aparece na epistemologia como uma síntese hegeliana da oposição dialética entre o empirismo e o que Hrabák chama o romantismo, isto é, o idealismo que parte de uma construção a priori. Decorre do pressuposto de que não há fatos isolados passíveis de conhecimento, porque toda significação resulta de uma relação. Eis por que não procura destacar fatos para em seguida somá-los, nem construir um conjunto para em seguida dividi-lo em seus fatos. Fatos, para o estruturalismo, são sempre partes de um todo e só como tais, e em referência ao todo, podem ser apreciados. O princípio essencial é de que não há para o nosso conhecimento coisas isoladas. Há sempre uma estrutura, isto é, uma inter-relação de coisas, que dela tiram o seu sentido. (MATTOSO CÂMARA, 1967, p. 44)

Apesar disso, podemos encontrar no Curso de Linguística Geral uma referência curiosa à utilização de gestos. Ao discorrer sobre a função da linguagem e sua natureza, Saussure constrói um curto debate sobre a natureza fônica da língua e sua aparente naturalidade, defendendo que não é o acaso o fator determinante da utilização do material fônico como base da expressão humana.

Inicialmente, não está provado que a função da linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é: que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar. Os linguistas estão longe de concordar nesse ponto. Assim, para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; **os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas.** Sem dúvida, essa tese é demasiado absoluta; a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos; além disso, Whitney vai longe demais quando diz que nossa escolha recaiu por acaso nos órgãos vocais; de certo modo, já nos haviam sido impostas pela Natureza. (SAUSSURE, 2012, p. 41-42 - grifo nosso)

Esse debate se assemelhará em alguns aspectos aos mais que mais recentemente têm dominado as reflexões sobre primatologia e o desenvolvimento cultural humano, o que debateremos em outro tópico. É interessante percebermos que a possibilidade de utilização do gesto para a construção de uma língua já havia sido levantada, ao mesmo tempo em que os gestos associados à fala não foram considerados nas reflexões construídas imediatamente após e durante o estruturalismo saussuriano.

Talvez pelo domínio da escrita no clima de opinião da época, que era baseado na comparação de línguas através de sua escrita e catalogação, especialmente no trabalho dos comparativistas (cf. MARTELOTA, 2012), ou até mesmo pela influência do PTG nos moldes de reflexão, o que pode explicar tanto o clima de opinião quanto o recorte saussuriano, fato é que, ao definir as possibilidades da arbitrariedade do signo, Saussure foi simples e metódico tal como era necessário a quem se propunha a construir um novo plano de investigação que buscava fundar um fazer científica endossado pelos seus pares.

Não obstante, o desenvolvimento do pensamento estruturalista vai abrir caminho para uma gama de outras abordagens que, apesar de não frutíferas, apontaram para uma abordagem diferente da língua, ao menos ao refletir sobre sua natureza e possibilidades. Um bom exemplo disso é o debate que foi construído por Barthes (1970) em torno do *homem estrutural* que é uma metáfora para se referir ao momento de nossa evolução que fomos capazes de reconhecer um sistema e uma estrutura no mundo material. Essa noção de uma cognição estrutural levou alguns linguistas, como Damasceno (1977), Cohen (1968) e Mounin (1968), a cogitar a possibilidade de uma linguagem que utilize, no modo de se referir dos autores, a mímica como instrumento.

A presença do *homem estrutural* pode ter sido pré-alfabetiana, considerando que todos os órgãos podem criar uma linguagem e por isso a mímica é uma linguagem... o riso, as lágrimas são uma linguagem. Só para citar de passagem – porque são curiosas e dignas de uma pesquisa -, inúmeras foram as teorias que englobam as tentativas para explicar essa comunicação oral ou expressão pré-alfabetiana: as teorias da linguagem simbólica, as que se firmam nos gestos expressivos, nas associações auditivas, na imitação dos sons (onomatopeias) e tantas outras. (DAMASCENO, 1977, p.25)

Fica claro que para o autor a utilização do corpo pode ser tomada como parte da linguagem e da expressividade humana, chegando até mesmo a constituir uma linguagem própria, não uma língua, pois, podemos subentender que que essa noção de *mímica* como linguagem não inclui uma estrutura que ofereça subsídios para um funcionamento pleno enquanto sistema linguístico. Isso é reforçado pela conclusão das considerações que equipara o que o autor chama de “gestos expressivos” com a imitação dos sons ou onomatopeias. Podemos ainda inferir que isso se dá pelo não reconhecimento dos elementos que eram considerados como base para a construção de uma estrutura, sendo o menor deles o fonema/letra. Ou seja, na visão destes autores, é a partir dos “alfabetistas” que a língua realmente surge, a partir do momento em que a escrita é de alguma maneira viabilizada¹¹.

Essa primazia da escrita percorre a definição de língua e o material que encontraremos como bases das reflexões sobre a língua em si durante o desenvolvimento do estruturalismo.

Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro, Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixa-los em imagens convencionais, ao passo que seria

¹¹ Aqui não estamos defendendo que os usos elencados pelo autor, como uma lágrima ou um riso, são de fato uma língua. Estamos apenas inferindo que a maneira de observar tais fenômenos carrega um ponto de vista que não permite que estes mesmo fenômenos sejam observado dentro das línguas que o próprio autor tem contato como se fossem parte dessas estruturas.

impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos da fala; a fonação duma palavra, por pequena que seja, representa uma infinidade de movimentos musculares extremamente difíceis de distinguir e representar. Na língua, ao contrário, não existe senão a imagem acústica, e esta pode traduzir-se numa imagem visual constante. [...] É essa possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas e a escrita a forma tangível dessas imagens. (SAUSSURE, 2012, p. 46 - 47)

Esse trecho do *Curso de Linguística Geral* é riquíssimo em diversos pontos para nosso trabalho, pois carrega consigo uma boa parte dos processos que até então temos nos referido e que foram determinantes para a construção da linguística. Vejamos na ordem em que aparecem textualmente.

Ao determinar que a natureza da língua pode ser dividida entre a fala e a língua em si, surge a necessidade de constituir essa língua enquanto material palpável ao trabalho sincrônico que busca o fenômeno social e não o individual da língua. A saída saussuriana é estabelecer dentro da sincronia uma correlação entre os *signos da língua* que são imagens acústicas e seu *correlato tangível* que são as imagens convencionais fixadas pela escrita. A consequência final deste processo, mesmo que o caminho percorrido seja muito diferente do que fora traçado pelos trabalhos de cunho gramatical, é a mesma: a análise recai sobre a escrita, uma escrita que é tomada como um espelho perfeito da língua.

Aqui, encontramos também uma boa visão do que é considerado língua que consiste na relação entre a imagem auditiva e um conceito. Fica clara, mais uma vez, a limitação do objeto em seu caráter fônico/mental que é observado através da construção imagética do som, a escrita. E isso se dá através do olhar de que a língua pode ser fielmente representada através de um dicionário e uma gramática.

Retomemos aqui as reflexões de Aurox (2014) ao falar exatamente destas duas tecnologias como base do pensamento ocidental sobre a língua, advertindo para sua eficiência e limitação. Encontramos em Saussure (2012) exatamente este olhar, dando às reflexões linguísticas uma forte ancoragem na tradição gramatical através daquilo que é considerado como o material que pode ser analisado pelo linguista. Utilizando as reflexões de Aurox (2014), podemos perceber que o estudo proposto no trecho de Saussure que trouxemos acima compreende a língua como a relação entre o material fônico e seus conceitos e a analisa através da escrita, ou seja, privilegia as culturas que possuem a escrita alfabética. Este fenômeno é apontado como um fato da gramatização, pois

A gramatização pelos europeus supõe a alfabetização, isto é, majoritariamente, a transcrição de uma língua em caracteres latinos. Essa alfabetização se efetua primeiro

selvagemmente e por analogia: o locutor nativo, alfabetizado numa língua (o latim), adapta a escrita ao som que ele percebe. Rapidamente, com a imprensa e a estandardização, a ortografia se torna um problema, às vezes acidamente discutido. De modo geral, os primeiros tratados sobre a ortografia precedem a confecção de suas primeiras gramáticas. A alfabetização das línguas não-indo-européias depende largamente dos locutores (espanhóis, portugueses, franceses, alemães etc. não fazem as mesmas transcrições), e da fineza de seus ouvidos. Irremediavelmente fazemos comparações, notamos a ausência de tal ou tal “letra”, ou as diferentes entre a “mesma” letra nas diferentes línguas. O conceito de letra desempenha, entre outras coisas, o papel do conceito de fonema (que só aparecerá no fim do século XIX). (AUROUX, 2014, p.65)

Se partirmos das afirmações de Auroux (op. Cit.) teremos que a escrita das línguas vivas é uma tentativa de adequar os sons desta língua ao código latino que nem sempre os comporta ou fornece subsídios adequados. Temos então um longo processo de constituição artificial da análise e da definição da língua, pois: 1) o PTG, através dos processos de gramatização e dicionarização, defini que fatos da interação humana serão tomados como *língua*; 2) o processo de continuidade desse paradigma, agora tomado como ponto pacífico e elemento fundante de todo o *clima de opinião* ocidental, acarreta na definição dos elementos centrais da linguística, tal qual propôs Saussure; 3) para bem delimitar um objeto de análise, temos a escrita (aquela feita com base em código alfabético criado e aprimorado em diversas línguas diferente) tomada como um espelho da fala e base para uma reflexão sobre a língua.

Se seguirmos esta linha concluiremos que o estudo sobre a língua não pode utilizar a escrita como única fonte de informações, nem muito menos considerar que as categorias e elementos da gramática são *as categorias e elementos* que existem e constituem uma língua dada. Todo esse movimento inviabiliza a ampliação do olhar dos gramáticos gregos que primeiro firmaram a escrita como chave. Uma abordagem que considere os gestos não é autorizada por este clima de opinião. Mas um conceito fundamental do estruturalismo parece ir em sentido oposto: a arbitrariedade do signo. É interessante retomarmos a arbitrariedade do signo, pois essa parece oferecer um olhar mais amplo para a língua, mas a possibilidade de utilizar este conceito para além do que a gramática e o dicionário já prescreviam parece não ter sido ventilada.

O princípio da arbitrariedade do signo permite a constituição das categorias, costumeiramente tomadas como pares opostos: signo e significado. O descolamento das duas categorias encerra definitivamente, ao nível da linguística, o modo platônico de encarar a língua como um reflexo do Mundo das Ideias e do imobilismo das formas linguísticas que Platão herdara do pensamento de Parmênides, causando a busca pela motivação do signo a

partir de seu significado de acordo com os fenômenos ou objetos que representara. Essa liberdade trazida pelo mestre genebrino abrange o olhar para a língua enquanto fenômeno social e desprovido de julgamento de valor, voltando o olhar para o material linguístico em si. E é exatamente no momento da definição do material linguístico que compõe o signo que a limitação do material fônico surge, uma vez que o recorte permanece fundado na associação entre o que é considerado “gramatical” pela tradição grega.

Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo. [...] Mesmo a moda, que fixa nosso modo de vestir, não é inteiramente arbitrária: não se pode ir além de certos limites das condições dadas pelo corpo humano. A língua, ao contrário, não está limitada por nada na escolha de seus meios, pois não se concebe o que nos impediria de associar uma ideia qualquer com uma sequência qualquer de sons. (SAUSSURE, 2012, p. 116)

O desenvolvimento da noção de arbitrariedade parece oferecer ao significante total liberdade de construção. Afinal, a língua *não está limitada*, entretanto a continuação do argumento submete esta liberdade a uma *sequência qualquer de sons*. Encontramos uma aparente contradição entre a liberdade pretendida e o aprisionamento aos sons. Com isso não estamos afirmando que os gestos não foram levados em conta na reflexão. A delimitação do objeto não implica no não reconhecimento dos fatos, especialmente se levarmos em conta a proposta de trabalho do genebrino que buscava instituir uma nova maneira de observar o fenômeno da linguagem e as considerações que ele mesmo teceu sobre os trabalhos de Whitney (in: SAUSSURE, 2012, p. 116).

Ou seja, parece mais provável que a limitação ao material fônico é de caráter mais metodológico que epistemológico. Não se reduz o fenômeno ao fato observado. Reduz-se o fato observado para construir uma análise bem estabelecida em fenômenos específicos. Aqui é interesse retomarmos o que Mattoso Câmara (1967.) bem explicita ao dizer que para o estruturalismo os fatos são sempre parte de um todo estrutural, o que aparentemente incluiria todo e qualquer recurso utilizado durante a utilização da língua. Se tomarmos essa posição, se torna mais forte a possibilidade de que a redução saussuriana ao caráter fônico da língua, e a partir dele à própria língua, se dá por razões metodológicas.

Aqui é importante não reduzir o pensamento saussuriano à fala ou ao material fônico. A novidade saussuriana que quebrara com o paradigma estritamente gramatical, dos trabalhos nos moldes das gramáticas gregas, e com o modo de trabalho metafísico, construído nos moldes platônicos, é precisamente a distinção entre língua e fala. A língua

aqui é tomada como objeto teórico, como *forma e não substância* e o seu recorte temporal, a sincronia, é parte da nova maneira de trabalho. Mas esse recorte, e, principalmente, a maneira de proceder dentro dele ainda bebe nas fontes clássicas, isso é observado por Leroy (1971) ao perceber

A intuição dos dados linguísticos e o vocabulário sistematizado por Aristóteles e aristotélicos vigoram e, até há pouco, tiveram capital importância, senão decisiva, sobre a metodologia de nossos estudos atuais. (LEROY, 1971, p. 18)

Além de Aristóteles, outros filósofos e escolas poderiam enriquecer a afirmativa de Leroy. Isso não reduz a relevância e a novidade dos estudos estruturalistas, como pretende Damasceno (1977), apenas atribui um legado filosófico ao que surgia então como uma nova de agir e pensar.

Seguindo essa linha, é interessante observarmos como essa influência estrutural chegou até o pensamento de Chomsky e que consequências surgiram para a observação dos gestos dentro de uma nova maneira – apesar de também filiada a uma linha da filosofia – de observar a língua.

Formalismo: Chomsky

Seguindo nosso percurso, a linguística construída a partir do pensamento de Chomsky tenta evidenciar a construção da língua enquanto um sistema baseado em uma estrutura universal das línguas humanas. A competência universal dos humanos para adquirir e construir um sistema linguístico é o foco central das pesquisas, e isto levou os estudiosos a pesquisar o processo de aquisição de linguagem com ênfase no *sistema* da língua. Mas, antes de debatermos o pensamento gerativo de fato, é útil que o situemos em seu momento histórico.

As reflexões de Chomsky surgem a partir de uma resposta dada ao behaviorismo. A teoria comportamental é uma maneira empírica de encarar os fatos humanos, inclusive a linguagem. A observação dos fenômenos seria suficiente para que se construa uma reflexão sobre eles, além disso, as atividades humanas eram costumeiramente tomadas na dimensão do comportamento. A dupla estímulo/resposta pode ser tomada como base do pensamento behaviorista. A medida em que os fenômenos vão ficando mais complexos esse par vai tomando outros elementos e ampliando sua capilaridade.

Ao falar daquilo que Skinner (1957) chama de *comportamento verbal*, que podemos tomar como a linguagem em si, temos a relação entre um *ambiente social* e um *organismo*

vivo. Esse ambiente social seria representado pelo sujeito que é ouvinte/receptor do ato comunicativo, enquanto o organismo vivo é aquele que emite a mensagem a ser comunicada.

Por exemplo, ao utilizar o signo “água” ao oferecermos a bebida para uma criança em fase de aquisição de linguagem, estaríamos estimulando-a a nomear o líquido desta maneira. A repetição deste estímulo reforçaria a nomenclatura oferecida, assim como a provável correção que o adulto fará quando a criança utilizar um signo diferente para a água, limitando as possibilidades do signo àquelas preestabelecidas.

Durante o desenvolvimento do comportamento verbal o ouvinte possuiria a tarefa de selecionar as produções que são socialmente aceitas e consideradas significativas para o grupo social em que o emitente está inserido. Ou seja, inibiria as produções de linguagem que não são consideradas como comunicativas naquela comunidade, seja através da simples rejeição daquela produção como dotada de significado ou através de uma correção proposital do que foi comunicado. Esse movimento reforçaria as formas que a comunidade construiu para se comunicar, moldando o emitente ao código utilizado pela maioria.

Este processo só é possível pela influência que o comportamento de cada um dos indivíduos tem sobre o comportamento do outro. Seja o de reconhecer no outro a intenção comunicativa, o de comunicar de uma maneira ou o de corrigir, recusar, aceitar, estimular determinada maneira de interação através de uma linguagem. Em síntese, a solução behaviorista para a linguagem enquanto comportamento se faz no processo de estímulo e desestímulo dos elementos produzidos pelo indivíduo que emite a mensagem e pelo que dela precisa se apropriar. Em suma, ao admitirmos a utilização da língua como um comportamento verbal podemos inferir que o comportamento, no sentido de signo, daquele que adquire a língua é extinto na medida em que não condiz com o que é esperado pelo seu interlocutor.

É a partir deste texto que Chomsky (1959), através de uma resenha do livro de Skinner, propõe uma nova maneira de abordar o fenômeno que Skinner (1957) chama de comportamento verbal. Utilizando de antigos questionamentos da filosofia platônica e seu debate com os sofistas, Chomsky (1959) traz um antigo problema de Platão para confrontar Skinner. São duas as questões basilares: como uma criança com tão pouco contato com a língua de seu ambiente seja capaz de adquirir esse sistema? Como um conjunto de estímulos finitos pode construir na mente da criança infinitas possibilidades de usos da língua?

Estas duas perguntas estão intimamente ligadas ao modo behaviorista de proceder, pois trata de estímulos e de produções que surgem a partir destes. É interessante notarmos que a psicologia baseada em Skinner não respondeu a estes questionamentos na época do debate. Recentemente alguns estudos da área têm retomado Skinner (1957) afirmando que existe um princípio *gerativo* nas postulações comportamentais e que a leitura feita da teoria era simplista. Os trabalhos que vão neste sentido (ANDRESEN, 1990; JUSTI; ARAÚJO, 2004; PALMER, 2006) propõe que a noção comportamental não limita a linguagem a um comportamento de repetição, apenas estabelece o nascimento do código a partir das relações interpessoais mais imediatas para a criança, não ignorando o caráter criativo da mente que seria presente em diversos comportamentos, não apenas na linguagem.

Entretanto, apesar de interessante, esse debate não será aqui aprofundado ou abordado, pois nosso objetivo central não é alcançado pelas resenhas atuais que buscam elucidar possíveis equívocos do passado. A materialidade dos trabalhos com a língua é o que de fato influenciou e influencia a percepção que a linguística carrega sobre a língua e a presença dos gestos nesta.

A solução que é encontrada por Chomsky (1959) para o problema da produtividade dos enunciados das crianças e o pouco estímulo para a constituição de um código – no sentido gramatical – da língua na mente infantil é uma espécie de reinterpretação da solução platônica. Platão solucionava a questão utilizando a metafísica que era aceita no clima de opinião de sua época, o conhecimento seria herdado de outras vidas e seria também uma espécie de reflexo do mundo das ideias, uma parte de um conhecimento maior da verdade das coisas. Em oposição a Platão estavam os sofistas, que afirmavam que o conhecimento humano é na verdade limitado ao que a comunidade podia oferecer as pessoas que dela faziam parte, sem ligação com metafísica alguma, ao mesmo tempo em que a experiência humana seria cheia de evidências e indícios propícios para construção do conhecimento.

Chomsky (1959) soluciona o problema afirmando que as crianças não podem ter seu desempenho linguístico medido apenas pelos estímulos a que estão sujeitas, pois a rica gama de expressões que elas produzem não seria possível apenas com os dados do mundo externo que têm acesso. Assim, a mente humana seria a chave. A hipótese é que a mente possui um módulo capaz de processar a linguagem e que esse módulo captaria as informações da língua em que a criança está inserida, sendo capaz de reconhecer nestas suas

possibilidades (no sentido lexical, morfológico, fonético, sintático, semântico e pragmático) para então produzir novos enunciados.

Ou seja, ao produzir um enunciado a criança utiliza um conjunto de conhecimentos que não estava disponível em seu contexto social imediato, e sim, em suas faculdades mentais. A função do *input* social é a de fornecer os elementos necessários para que essa faculdade mental opere de acordo com as normas utilizadas naquele grupo humano.

A mente possuiria um mecanismo capaz de gerar – daí o termo gerativismo – todas as línguas humanas, precisando apenas ser alimentado com algumas informações do mundo para que seu correto funcionamento se inicie. Esse pressuposto coaduna com a noção de modularidade da mente, em oposição à visão holística, que acredita que a mente possui especializações para determinadas partes de seu funcionamento (cf. HUMBOLDT, 1836).

A maneira chomskyana de definir a língua parece ser um dos grandes diferenciais de sua teoria, pois é o que permite a noção dos universais tão buscados. O trabalho com o conceito de língua consiste na divisão desta em dois subitens, a saber: língua-I e língua-E, o somatório dos dois alcançaria o que era tomado como língua até então pelo estruturalismo. Com isto estamos afirmando que esta divisão não altera largamente o conceito de língua já existente nos estudos desenvolvidos por Saussure (op. Cit.).

A língua-I é a língua como uma faculdade cognitiva, a capacidade que todo ser humano tem de adquirir um código para expressar seus pensamentos. Em suma, a língua-I é um habilidade para, um meio e não um fim. O foco central das pesquisas com tal orientação é a análise, ou busca, por este mecanismo e seu *modus operandi*.

A língua-E é a língua como idioma, convenção social, código linguístico, que funciona dentro das possibilidades que a língua-I traz consigo. Ou seja, é o material “real” que demonstra a existência da língua-I, sendo uma de suas possibilidades de materialização.

Retomando nossa afirmação da subdivisão de um conceito já existente, observemos que dentro da sincronia e da arbitrariedade propostas por Saussure já podemos vislumbrar as bases desta reflexão que se tornou a base do gerativismo. Através da sincronia podemos alcançar um estado material da língua que implica no seu congelamento a partir de suas formas observáveis (língua-E), a arbitrariedade nos traz a noção de que a materialidade mental da língua não é a mesma que carrega o material fônico/escrito, pois os referentes são mentais (língua-I). Como novidades, temos a hipótese de que o trabalho mental possui

também uma estrutura, tal qual a língua materializada possui uma gramática, e que essa gramática construiria todas as outras.

Uma espécie de gramática interna, o que posteriormente será tomado como parte da modularidade da mente em seu módulo linguístico. Este fato parece seguir uma linha já iniciada pelo processo de gramatização grego, afinal, a internalização de uma gramática não deixa de ser o reconhecimento de que esta tecnologia funciona e é representativa da realidade de uma língua, ou da mente humana.

Amplia-se o objeto de análise da gramática ao mesmo tempo em que seus requisitos mínimos são suavizados, pois

A linguagem humana, instanciada numa **língua natural**, é um fenômeno impressionante. Por meio de algumas dúzias de sons, podemos produzir e compreender palavras, frases e discursos que expressam os nossos pensamentos e que permitem o entendimento dos pensamentos das outras pessoas. Na verdade, tais sons podem ser substituídos por sinais entre os surdos ou por letras na língua escrita sem que o poder mobilizador da linguagem seja significativamente alterado. (KENEDY, 2013, p. 12, destaque do autor)

É muitíssimo interessante observarmos entre esta definição do que compõe a língua e a definição de Saussure (2012) uma continuidade de fatos. A língua é um conjunto de sons que podem ser transferidos para a escrita, com o acréscimo dos sinais e de uma outra capacidade mental para a língua aqui no gerativismo. Os sinais entram em um status semelhante ao da escrita, como um *substituto* possível para os sons. Essa visão coaduna com todo o processo de tradição gramatical a que se refere Vieira (2018) e traz uma postura filosófica interessante: a língua serve para comunicar e compreender o pensamento, mas nesse ponto não nos deteremos agora.

A impressão geral é que essa definição de língua aprimora a definição que a tradição já carrega, aumentando/construindo a complexidade do fenômeno mental, mas mantendo o mesmo objeto de análise já elencados pelos gregos, inovando nos objetivos e na hipótese, não no recorte do material real.

Essa diferença de objetivo produzirá um interessante método de análise do real para tentar alcançar/comprovar o módulo mental da linguagem, pois

Dessa forma, o gerativista procurará identificar, ao descrever uma língua-E, os traços linguísticos que estão codificados em seu léxico e são utilizados na formação de representações mentais, como fonemas, morfemas, palavras, sintagmas, frases e discursos. (KENEDY, 2013, p. 31)

Os gestos não entram como uma categoria de análise uma vez que o PTG (VIEIRA, 2018), a tradição linguística da época, o clima de opinião etc., não consideravam os gestos como parte deste sistema. O cognitivismo retira o corpo do processo de construção da linguagem, caindo no mesmo equívoco dos gramáticos tradicionais já aqui apontado através de Bagno. Logo, as reflexões de Chomsky possuem a limitação da gramática tradicional com a devida ampliação epistemológica e metodológica.

Se observarmos o processo histórico de constituição da linguística podemos encontrar um ímpeto de certo modo semelhante nos estudos comparativistas que buscavam uma língua mãe para um conjunto específico de línguas. A busca por uma raiz, primeiramente fonética e depois sintática, gerou grandes resultados, a começar pela construção de leis gerais da fonética (cf. WEEDWOOD, 2002). Essa busca por uma ancestralidade da língua, outrora uma língua-mãe, agora uma língua/sistema interna que rege as demais, parece ser tema recorrente nos estudos sobre a linguagem e ambas as abordagens se definem dentro dos limites estabelecidos pela maneira grega de observar a língua que foi perpetuada para o ocidente. Mas este não é um fato ignorado pelo plano de investigações baseado em Chomsky. Ele próprio debateu amplamente suas formulações e embasamentos filosóficos, dando ênfase à importância destes postulados para o desenvolvimento de qualquer trabalho no âmbito da linguagem.

Em seu texto recente *Que tipo de criaturas somos nós?*, é construída uma reflexão sobre os caminhos adotados pela linguística e outras ciências cognitivas a partir dos postulados que ele mesmo fizera. O debate filosófico permeia todo o conjunto de reflexões e a herança da maneira grega de proceder é tomada como uma base necessária e enriquecedora.

Se essa linha de raciocínio estiver essencialmente correta, então há uma boa razão para retornarmos à concepção tradicional de linguagem como um “instrumento do pensamento” e para revisarmos o *dictum* aristotélico; a linguagem não é o som com pensamento, mas pensamento com som – de maneira geral, com alguma forma de externalização tipicamente o som, mas não apenas, já que outras modalidades também estão disponíveis. Trabalhos das gerações passadas sobre línguas gestuais já mostraram semelhanças surpreendentes com as línguas orais, em termos de estrutura, aquisição e representação neural, mesmo que – obviamente – o modo de externalização seja bem diferente. Também vale ressaltar que a externalização raramente é usada. A maior parte do uso que fazemos da linguagem nunca é externalizada. (CHOMSKY, 2018, p. 42)

A herança filosófica dos postulados gerativistas e sua continuidade com os pressupostos do PTG constroem uma noção mental da língua. A língua não tem como função exclusiva a comunicação/interação entre os indivíduos, é uma ferramenta mental, produto

de um órgão da mente. Um mecanismo para o pensamento que também é utilizado para a comunicação.

Uma vez que o objeto língua é assim determinado, seus elementos centrais, sua composição e construção, são também tomados como produtos da mente. A busca por uma gramatização do funcionamento mental estabelece, inicialmente, as categorias da gramática tradicional como categorias do funcionamento da mente humana. Logo, não há espaço para uma abordagem da língua que considere os gestos como um de seus elementos, visto não existir esta possibilidade na tradição gramatical. Vale ressaltar que Chomsky (2018) fala em línguas gestuais, no sentido de línguas que utilizam os gestos como se fossem sons, não na possibilidade de observar os dois em funcionamento concomitante, talvez pelo recorte ao qual ele se propõe. Esse olhar para as línguas gestuais em comparação com as línguas orais muito se assemelha com a visão saussuriana da escrita e da mímica que aqui já abordamos.

A hipótese da modularidade da mente a divide em categorias idênticas às já trabalhadas pelo arcabouço gramatical, como que atribuindo aos capítulos de uma gramática um lugar consagrado na cognição humana. O módulo principal da linguagem seria subdividido em seis submódulos, a saber: fonologia, morfologia, léxico, sintaxe, semântica e pragmática (cf. KENEDY, 2013, p. 40 - 43). Cada submódulo seria responsável por uma parte do trabalho global da linguagem. É interessante confrontarmos estes módulos a afirmativa de Chomsky (2018) de que a linguagem é antes um instrumento do pensamento e depois uma ferramenta de comunicação, pois se a função primordial é a construção do próprio pensamento, parece contraditório que ao menos a metade dos submódulos tenham a exteriorização como um de seus objetivos mais relevantes. Afinal, fonologia, semântica e pragmática fazem mais referência ao mundo externo que ao interno.

Contradições a parte, podemos subentender que a utilização de gestos durante a fala oral seria um recurso daquilo que é tratado como *externalização* da língua. Ou seja, um elemento que surge no momento da situação pragmática como enriquecedor ou contextualizador da estrutura da língua, um acessório para a estrutura em um momento em que esta é utilizada para comunicar

A externalização, então, seria um processo auxiliar, e suas propriedades, um reflexo do sistema sensório-motor, em grande parte – ou mesmo completamente – independentemente. Outras investigações apoiam essa conclusão. Daí se segue que o processamento é um aspecto periférico da linguagem e que usos específicos da linguagem dependem da externalização, entre eles a comunicação, são ainda mais periféricos, contrariamente ao dogma virtual que não tem nenhum embasamento sério. Também se

segue daí que a massiva especulação sobre a evolução da linguagem que tem aparecido nos últimos anos não está no caminho certo ao focar justamente na comunicação. (CHOMSKY, 2018, p. 43)

Se estamos aqui tomando a comunicação como um uso *ainda mais periférico* da linguagem e ao mesmo tempo compreendemos a linguagem dentro de um escopo morfológico, sintático e lexical, estamos relegando às margens da estrutura todo e qualquer elemento que não seja tradicionalmente aceito dentro destes três módulos ou que pertençam à enunciação em si.

Esse olhar para a língua como ferramenta do pensamento retira a comunidade que a gestou e dá vida do procedimento de análise. Daí, a abordagem cognitiva ignora que a língua existe em situações reais de comunicação, não por ignorar o fato, mas por criar um objeto de investigação que retira desses aspectos uma importância sumária, estes fatos foram debatido por Kendon (1982) que discutiremos mais adiante.

Um caminho diferente vai ser trilhado pelos que consideraram que a língua deve ser analisada tal qual aparece para nós, como um elemento na chave na vida social, podendo ser tomada até mesmo como uma constituinte dos grupos humanos. É neste viés que iremos conduzir nosso próximo tópico.

A língua em uso: Bakhtin e Tomasello

O pensamento de Bakhtin¹² é muito mais complexo e profundo em termos filosóficos do que os objetivos geralmente empregados à linguística. Suas reflexões utilizam os postulados marxistas, como as noções de superestrutura e infraestrutura, para debater diversas questões inerentes à psicologia, à filosofia, à linguística e ao fazer científico em geral, especialmente para as ciências humanas. Por isso, buscamos em Bakhtin (2006) as reflexões sobre o fazer científico dentro das ciências que exploram a linguagem.

Do mesmo modo, não procederemos aqui com reflexões que, apesar de centrais para as teses bakhtiniana, não contribuem diretamente com o debate a que nos propomos. Isso nos leva a considerar mais os aspectos finais da argumentação do que suas premissas

¹² Sabemos das polêmicas acerca da autoria de textos e trechos de livros de todo o círculo bakhtiniano. Tais distinções de autoria não são relevantes para este trabalho, visto que o nosso objetivo está nas ideias que influenciam a linguística. Sendo assim, não entraremos neste debate autoral e seguiremos a ficha catalográfica da bibliografia que dispomos para tratar do tema.

filosóficas, pois o olhar que é oferecido para a linguagem é um dos postulados desta postura filosófica.

Não obstante, uma consideração geral é importante: o olhar de cunho marxista que é construído na linguagem tende a observar a coletividade, ou os elementos de ordem social, como fundamentais para a construção dos fenômenos da linguagem. Em oposição ao racionalismo burguês que defende a centralidade do indivíduo em todas as dimensões da existência, a orientação marxista define que o próprio indivíduo é uma noção social e criada a partir de um conjunto de interesses políticos e econômicos.

Seguindo essa linha de pensamento, ao nos defrontar com a realidade da língua, Bakhtin (2006) busca evidenciar que os signos, a linguagem, são construções sociais, pois

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 2006, p. 34)

Ao afirmar que *os signos só emergem na interação* não se está propondo uma forte inovação epistemológica, no sentido da observação do fenômeno, está se sugerindo que a realidade composicional dos signos – de qualquer natureza, não estritamente no modelo de Saussure – é a interação entre os indivíduos. Isso significa que *a consciência individual é um fato socioideológico* (BAKHTIN, 2006, p. 35).

Essa interação que produz signos é uma interação que reconhece a legitimidade do outro como um parceiro social, como membro de um grupo ou organização. Ou seja, a construção de um signo depende das relações que os indivíduos constroem uns com os outros, logo, sua natureza é social mesmo que possa ser tomado como um fenômeno do indivíduo. A interação como base da constituição do signo é também uma prerrogativa para o conceito de atenção conjunta que discutiremos adiante.

Ao nível da mente, considerar que os seres humanos constroem seus signos em grupo e utilizam estes mesmo signos para construir sua própria consciência implica a leitura da consciência individual como um fenômeno social, pois

A única definição objetiva possível da consciência é de ordem sociológica. A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). A ideologia não pode derivar da consciência, como

pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. (BAKHTIN, 2006, p. 35-36)

É muito interessante como essa maneira de encarar os fatos pode dialogar, para se opor, com os pressupostos gerativistas. Ao afirmar que a os signos são construções sociais ao mesmo tempo em que constroem as consciências individuais se está questionando fortemente a possibilidade do inatismo.

Uma vez que a mente é construído e não construtora é difícil sustentar que exista nela um conjunto de submódulos agrupados em um módulo maior responsável pela construção de uma língua. Não caímos, porém, no aparente vazio do argumento bakhtiniano, afinal, se a consciência é construída pelos signos sociais, de onde estes últimos viriam? A resposta é simples, a organização social humana produziria os primeiros signos pela sua própria maneira de se estabelecer. A palavra em si *não comporta nada que não esteja ligado à sua função social. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social* (BAKHTIN, 2006, p. 36). Essa visão possui diversas facetas com os estudos de Tomasello (2003), mas isto abordaremos adiante.

A palavra, por sua natureza corporal, não dependente de elementos externos às potencialidades humanas, assim como qualquer outro signo que a tenha, passa a ser “material semiótico da vida interior, da consciência” (op. Cit. P. 37). Ou seja, propõe-se um caminho diretamente inverso ao caminho que busca a língua-I. São os signos que constroem a vida interior, não o oposto.

Em síntese, a organização social se transforma em motivação para o signo, este último constrói a consciência individual. Então, para uma correta análise de qualquer sistema semiótico é necessário que o signo não seja dissociado de sua existência concreta no meio social. Assim, língua não existe fora da organização social. É evidente que, para que isso aconteça, alguma capacidade cognitiva precisa existir previamente. Podemos assumir, como o fez Tomasello (2003), que a capacidade humana para simbolizar é uma das bases da comunicação humana.

Ou seja, dentro da filosofia bakhtiniana, a realidade não é alcançável por meio da simples observação, uma vez que precisamos da linguagem para compreender o real. Assim, as palavras, ou melhor a enunciação, é o mecanismo pelo qual buscamos alcançar os fatos.

O real é semiótico, perpassado pela linguagem. A linguagem, por sua vez, é construída em sua relação com o já dito e com o que será dito em resposta. Assim, toda palavra é parte de um discurso, estando este último voltado para outros discursos, sem nunca alcançar a realidade das coisas. Isso acontece porque

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós descreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (FIORIN, 2015, p. 23)

Esse olhar para a língua enquanto fenômeno histórico provoca uma abertura epistemológica para a leitura do enunciado como um fenômeno único, dotado de momento, sujeitos e significados que são construídos no momento da interação. O dialogismo, tomado como a relação entre os diferentes discursos, é a realidade da linguagem. Essa visão em muito difere da pretendida sincronia de Saussure, uma vez que nos oferece um olhar para o fenômeno discursivo tal qual ocorre, sem a construção daquilo que Bagno (op. Cit.) chamou de hipóstase.

A consequência primeira dessa postura é a abordagem ideológica do enunciado, mas isso não desenvolveremos neste trabalho. Mas de que maneira isso contribui para nossa leitura dos gestos? A implicatura é de caráter epistemológico: ao considerar a situação enunciativa de Bakhtin temos a possibilidade de observar todos os elementos que constituem este enunciado, mesmo que o próprio Bakhtin utilize termos como *verbal* para se referir ao que seria a língua, a simples constituição de um gesto como parte, ou como o todo, de um enunciado nos permite analisar o uso do corpo em uma dada situação, o que poderíamos chamar de gesticulação enunciativa.

Isso é bem diferente do que até então observávamos, esta outra maneira de conceber os fatos da linguagem nos permite uma ampliação nos elementos que compõem um olhar sobre a língua. Assumindo este postulado, podemos inferir que os gestos são uma das partes da interação humana através de uma língua oral. Claro que o olhar para os gestos não é o único possível, afinal, os elementos próprios da cultura e das relações sociais também farão parte desta realidade linguística, incluindo-se aqui as relações de poder e autoridade, local de fala, função social, contexto enunciativo etc. Porém, estes aspectos não são nosso objeto central de análise.

Partindo de Bakhtin podemos traçar um caminho teórico através de outros autores que farão também uma leitura da língua como um fenômeno social em primeira instância. Tomasello (2003) desenvolve uma pesquisa sobre a aquisição do conhecimento humano que em muito pode dialogar com o trabalho bakhtiniano, tomadas as devidas ressalvas quanto ao ponto de vista epistemológico e a natureza metodológica de cada trabalho, sendo o de Tomasello inserido na primatologia e nas ciências cognitivas e o de Bakhtin no âmbito da filosofia.

Em seu livro *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*, Tomasello (2003) busca alcançar as bases para o conhecimento humano através da comparação com a aprendizagem de chimpanzés. Podemos afirmar que uma pergunta que guia o trabalho é *por que somos cognitivamente tão diferentes de outros grandes macacos se somos geneticamente tão próximos?* O intuito é que uma análise voltada para esta questão seja capaz de responder, ou ao menos elucidar um caminho, para uma reflexão sobre o conhecimento humano.

Ao construir sua pesquisa, o autor possui um clima de opinião arraigado de possibilidades e teorias sobre o funcionamento da mente humana. Os trabalhos de orientação gerativista estavam em evidência, mas Tomasello traz uma importante problematização:

O enigma básico é este. Os 6 milhões de anos que separam os seres humanos de outros grandes macacos é um tempo muito curto do ponto de vista da evolução, sendo que os humanos e os chimpanzés têm em comum algo em torno de 99% de seu material genético – o mesmo grau de parentesco de outros grandes irmãos como leões e tigres, cavalos e zebras, e ratazanas e camundongos. Nosso problema é portanto um problema de tempo. O fato é que simplesmente não houve tempo suficiente para que os processos normais de evolução biológica que envolvem variação genética e seleção natural criassem, uma por uma, todas as habilidades cognitivas necessárias para que os humanos modernos inventassem e conservassem complexas aptidões e tecnologias [...]. (TOMASELLO, 2003, p. 4)

O caminho argumentativo é claro, simples e problematizador das postulações geneticistas sobre a mente. A questão do tempo para a evolução convoca um debate sobre a possibilidade de atribuímos à genética humana ou não a responsabilidade pelo desenvolvimento de nossa cognição.

Note-se que com isso não se está afirmando que a construção cognitiva humana é desligada do material genético de nossa espécie. A afirmativa vai em busca de um processo mais complexo que a simples evolução biológico, mas sem deixar de incluí-la em uma provável resposta para a indagação. E isto é de fato proposto.

A hipótese se construirá ao redor da noção de transmissão cultural, ou seja, da possibilidade que a humanidade tem de construir uma continuidade entre desenvolvimento do indivíduo e o desenvolvimento do grupo humano em que ele está inserido. Ou seja, “a transmissão cultural é um processo evolucionário”(TOMASELLO, 2003, p. 4) que abre a possibilidade para o surgimento das demais capacidades humanas que se construíram a partir do conhecimento construído socialmente.

Isso pouparia tempo e recursos para o desenvolvimento ontogenético, afinal, cada indivíduo não terá de reconstruir o que já foi construído anteriormente. Não é necessário redescobrir a roda. Entretanto, o autor não insere a totalidade de um processo cultural, tal como tomado nas ciências sociais, neste processo evolutivo que permite a cultura. Como é dito no próprio livro, o passarinho que repete o canto de seus pais está passando por um processo de transmissão através da imitação.

O processo humano de transmissão cultural é de várias formas mais complexo, tendo como principal elemento o acúmulo de informações, conhecimentos ou práticas. O canto dos pássaros não mudará após o passar de várias gerações, mas o conhecimento humano se aprimorará na medida em que contribuições individuais se somam ao que já estava incorporado ao processo de transmissão cultural. Isto é o que o autor chama de efeito catraca.

Mas a transmissão cultural de conhecimentos não explica a totalidade do processo, é preciso também considerar a potencial criatividade dos indivíduos que conferem novidades ao processo. Assim, Tomasello divide maneiras de aprendizagem social de acordo com o tipo de atividade realizada, distinguindo

[...] três tipos básicos: aprendizagem por imitação, aprendizagem por instrução e aprendizagem por colaboração. Esses três tipos de aprendizagem cultural tornam-se possíveis devido a uma única e muito especial forma de cognição social, qual seja, a capacidade de cada organismo compreender os co-específicos como seres *iguais e ele*, com vidas mentais e intencionais iguais às dele. (TOMASELLO, 2003, p. 7)

A aprendizagem por imitação seria a forma “mais simples” do processo. A tarefa seria de observação e repetição das ações tal qual desempenhadas pelo que é observado. Se tomada de maneira simplista essa aprendizagem pode se assemelhar ao que fora proposta pelo behaviorismo, mas a ideia da existência de uma cognição social muda a natureza do ato de imitar.

No behaviorismo a imitação se faz pelo estímulo ou pela inibição de um comportamento. Para Tomasello (2003) a imitação se faz através de um processo cognitivo de percepção do outro e da capacidade de visualizar a si mesmo naquela ação. Muito além de um estímulo, a imitação é também tomada como um ato de sociabilidade.

Além disso, as três aprendizagens carregam a premissa básica do objetivo da ação. Para que a o processo se concretize é necessário que a criança compreenda a razão de ser da ação, ferramenta ou signo. Os dois indivíduos envolvidos, aquele que faz ou ensina e aquele que aprende ou imita, precisam reconhecer no outro uma intenção na ação ou prática simbólica.

Toda a tese tomaselliana se desenvolve a partir da ideia de intenção. A capacidade humana de reconhecer o outro como agente intencional é a base da cognição social proposta. Essa cognição social abriria as possibilidades da simbolização, que por sua vez constitui a cultura e o processo de construção de conhecimentos já aqui abordados.

Ao reconhecer o outro como um agente intencional a criança seria capaz de identificar alguns elementos: o outro indivíduo, sua ação presente, a consequência dessa ação e a intencionalidade do indivíduo que a realiza.

Esse conceito se relaciona diretamente com o de atenção conjunta que pode ser tomada como o momento de interação em que dois participantes direcionam a atenção para um mesmo objeto (BRUNER, 1975). Essa relação de atenção pode ser mais ou menos complexa de acordo com o contexto da interação, os objetivos e os participantes. Tendo, por exemplo, a possibilidade de acontecer no formato triádico mais comum (dois participantes e um objeto) ou em formatos mais amplos com vários participantes e objetos.

A atenção conjunta precisa de uma intencionalidade compartilhada. Ou seja, é preciso que exista um objetivo comum durante a interação, não admitindo que qualquer situação de compartilhamento de foco seja tomada como uma ação conjunta. Isto significar dizer que para que possamos afirmar que há um trabalho coletivo - no sentido de agir, comunicar, atentar – a partir do momento em que os dois que compõem o centro da cena compartilham objetivos em comum de alguma maneira.

Não é suficiente dar atenção um ao outro, é preciso reconhecer o outro como um ser agente em um processo ativo de comunicação e intencionalidade. Bebês com menos de um ano de idade já iniciam a construção deste tipo de interação, desde os primeiros momentos

de acompanhar o olhar, até a percepção de que o olhar pode ser direcionado para um objeto externo. A díade existe num processo de tomada de consciência de si, do outro e do que se fala, categorias essenciais para o desenvolvimento da linguagem.

Tomasello (2003) coaduna com este pensamento, ampliando suas observações para a realização efetiva de uma ação material que demonstre que a atenção conjunta de fato existe a partir de sua realização concreta observável. Isto oferece mais força à categoria em si, uma vez que a observação de um comportamento que comprove a atenção conjunta é um indício empírico de sua existência.

Isto significa dizer que podemos considerar uma interação através do olhar ou com outros gestos como um momento de atenção conjunta, desde que existam indícios para isto, como um olhar de verificação para o parceiro ou para o objeto, um gesto dêitico ou preenchedor¹³. A atenção conjunta com crianças até 12 meses costuma seguir este padrão (TOMASELLO, 2003), e funcionam como um primeiro indício da construção de tópico linguístico, afinal, há claramente uma definição de um *eu* que interage com um *você* a partir da atenção que oferecemos a *algo*. Estas três categorias são o nascedouro das relações sintático-semânticas de um sistema linguístico. Os gestos que representam estas funções podem ser tomados como parte de um complexo sistema de interação que já possui uma organização própria. Estas inferências são amplamente debatidas no trabalho de Scarpa (2004) e servem de base para os trabalhos mais recentes, como Costa Filho (2016), pois considerar que a atenção conjunta é o surgimento de noções discursivas essenciais é implicitamente atribuir aos gestos deste processo o papel de representar tais categorias, sendo então os gestos os elementos de construção dessa interação e desse sistema linguístico.

Não obstante, ao observar o comportamento de chimpanzés e o desenvolvimento da linguagem infantil, Tomasello (2003) afirma que os gestos se constroem em um espaço linguístico que será futuramente dedicado à utilização de signos orais, estabelecendo para os gestos uma espécie de lugar primitivo na linguagem, pois o signo oral seria evolutivamente vantajoso para a humanidade na medida em que libera o corpo para outras ações. Esta visão, que fica marcada como *primitivismo gestual*, tem como principal consequência a noção de que o gesto não é parte da língua e é refutada em outros trabalhos que traremos adiante, mas voltemos para a atenção conjunta.

¹³ Essas definições serão apresentadas adiante.

O reconhecimento da intencionalidade dos participantes de uma cena de atenção conjunta precisa de um elemento linguístico, um indício de que ambos dividem o foco sobre o mesmo objeto. Este indício, que podemos considerar um enunciado, pode ser materializado de diversas maneiras, especialmente ao assumirmos para a língua uma noção multimodal que é a premissa de nosso trabalho. Então, o olhar da criança para mãe, o balbucio, um gesto notadamente intencional e repetido em situações semelhantes, para construir a atenção conjunta ou expressar algo sobre um de seus elementos, podem ser tidos como parte de um enunciado e evidência de parte de um complexo sistema linguístico que se constrói e manifesta através do corpo, da mesma maneira que os sons orais¹⁴ também o serão adiante.

Aqui, no processo de utilização da oralidade como parte deste sistema, o trabalho de Bruner (1983) ressalta que a entoação de alguns sons ao lado de determinados gestos pode ser um fator de ampliação do significado do gesto, conferindo um certo grau de intencionalidade ou expressividade. Fato semelhante ao debatido por Bruner (1975), que demonstra que certas expressões vocálicas acompanham o começo ou o término de uma determinada ação com objeto da atenção conjunta.

A intencionalidade tem sido até então um elemento chave para a interação e a construção de signos, mas, ao construir uma releitura de seu trabalho, Tomasello (2016) propôs um novo debate para a intencionalidade. A partir de novos dados coletados em pesquisas com Chimpanzés, percebeu-se que a intencionalidade, tomada como a percepção do outro como ser intencional, é também uma característica destes primatas.

Esse dado traz à tona um debate sobre o conceito e sua aplicação, afinal, se a intencionalidade não é exclusividade humana qual seria o elemento chave para a constituição da interação e de seus produtos. A nova formulação é simples e motivadora de uma nova discussão:

Anteriormente, eu pensava que entender os outros como agentes intencionais eram - de alguma forma natural e gratuita - as habilidades e motivações para compartilhar estados intencionais entre si na colaboração e comunicação com eles. Os novos dados dos macacos sugeriram que esse não era o caso: é possível entender os outros como agentes intencionais para fins de competir com eles. Então a resposta deve ser que apenas os humanos entendam os outros como agentes intencionais e tenham as habilidades e

¹⁴ A expressão foi colocada desta maneira em reconhecimento aos falantes de línguas de sinais.

motivações para compartilhar estados intencionais com eles. (TOMASELLO, 2016, p. 1 – tradução nossa)¹⁵

A cooperação entre os indivíduos passe ao lugar de maior importância. Reconhecer as intenções não é suficiente para construir uma comunidade, no sentido da elaboração de práticas que permitam ou se baseiam na aprendizagem, é preciso que os indivíduos estejam aptos a construir coletivamente ou agir coletivamente. A proximidade desta afirmação com os pressupostos da filosofia bakhtiniana são inegáveis. A construção dos signos é novamente direcionada para o coletivo, agora dotado de uma necessidade de cooperação. Com o termo cooperação, Tomasello (2016) não busca uma espécie de ação para um bem comum, mas a possibilidade do compartilhamento de uma intenção (TOMASELLO, 2009).

Críticas a essa perspectiva de *intencionalidade* são colocadas por Ávila Nóbrega (2017) e Cavalcante (2018) ao pontuar a dificuldade de analisar a efetividade da compreensão da intencionalidade pelas crianças.

Ao mesmo tempo, sugerem que as evidências dos dados em aquisição da linguagem colaboram para a concepção de que a criança compreende a *atencionalidade* do outro, as orientações que o parceiro fornece em sua matriz linguística. (LIMA, 2020, p. 35)

Nesse trabalho, adotamos a concepção de atencionalidade proposta por Ávila Nóbrega (2017). Este debate de cunho filosófico e epistemológico têm produzido frutos interessantes na linguística atual. A observação dos gestos em funcionamento ao lado das produções orais tem se mostrado um caminho de trabalho capaz de explorar elementos ainda não fortemente debatidos, como a sincronia entre o gesto e a fala, a tipologia gestual, o processo de significação etc.

Antes de debatermos alguns trabalhos recentes faremos uma breve leitura dos teóricos que têm oferecido suporte para os estudos que tomam o corpo como parte do uso da língua.

2. ESTUDOS GESTUAIS NO CAMPO LINGUÍSTICO

Para iniciarmos nossa leitura dos estudos que se dedicam aos gestos como um de seus objetos centrais, é interessante observarmos que as diferentes contribuições para os

¹⁵ Previously I had thought that understanding others as intentional agents brought with it – somehow naturally and for free – the skills and motivations to share intentional states with one another in collaborating and communicating with them. The new ape data suggested that this was not the case: one can understand others as intentional agents for purposes of competing with them. So the answer must be that only humans both understand others as intentional agents and have the skills and motivations to share intentional states with them.

estudos da língua partem de áreas de conhecimento que não a linguística propriamente dita. Partindo da psicologia, da biologia, da primatologia, da filosofia, encontramos posicionamentos que enriquecem nossas abordagens por não comungar com o clima de opinião da área.

Ao encontrarmos contribuições fora do âmbito da própria ciência somos levados a refletir até que ponto a influência de um recorte da língua feito no estruturalismo ou de uma metodologia de trabalho construída nas gramáticas gregas são determinantes para os trabalhos atuais. Aparentemente, o PTG ainda exerce forte influência na área.

Demonstrando perceber de alguma maneira o processo de continuidade de uma tradição na abordagem linguística, Kendon propôs que as bases do pensamento sobre a língua não podem considerar apenas o discurso, pois isso reduziria a abrangência do fenômeno. Além disso, utiliza as bases saussurianas para argumentar que a gestos podem fazer parte da língua, pois

Por exemplo, se seguirmos a definição de linguagem de Saussure, desde que "gestos" possam ser mostrados como pares arbitrários de forma e significado, diferenciados em relacionamentos contrastantes e organizados paradigmaticamente e sintagmaticamente, eles podem ser considerados como uma forma de linguagem. Por esse motivo, sistemas de gestos, como a linguagem gestual primária ou alternativa, seriam incluídos, mas podemos excluir modos de expressão como gestos improvisados ou criados localmente, como pode ser observado em muitos dos gestos usados simultaneamente com a fala. Por outro lado, se, como William Dwight Whitney, definirmos a linguagem como "o meio de expressão do pensamento humano" (1899: 1), que, como ele continua a dizer, é composto por "certas instrumentalidades pelas quais os homens conscientemente e com consciência e intenção representam o pensamento deles, até o fim, principalmente para torná-lo conhecido por outros homens", então 'gesto' pode ser visto como parte da linguagem. (KENDON, 2000, p. 47)

Esse olhar, tal qual afirmamos anteriormente, encontra nas teses saussurianas bases para a leitura dos gestos, reconhecendo prováveis limitações. Se voltarmos para os primeiros textos do autor encontraremos um debate ainda mais interessante.

Paralelamente ao debate gerativista e estruturalista cunhado nos de 1970, Kendon (1972) refutava as bases gerativas e analisava o comportamento corporal como mecanismo interativo. As primeiras descobertas foram no sentido de evidenciar uma estrutura dos movimentos corporais utilizada durante a comunicação, com associações de diversos tipos com a produção de fala. As relações entre fala e gestos começa a tomar forma quando o pesquisador consegue estabelecer uma associação entre tipos de gestos e sua utilização em enunciados, demonstrando que para determinados movimentos comunicativos eram produzidos gestos com algumas características em comum.

Ainda nesta época prevalecia a ideia do gesto como parte do comportamento humano, não da língua em si. Não obstante, Kendon era biólogo, não linguista, o que demonstra a possibilidade do clima de opinião e do legado gramatical ter servido como filtro para o estabelecimento das categorias de análise dos linguistas da época, sem alcançar o cerne inicial dos trabalhos de Kendon. Müller (2013) fala sobre o clima de pesquisas e como os estudos em gestualidade eram tratados pela linguística:

Nos anos setenta, e na maior parte da década de oitenta, a linguística continuou a ser dominada pela teoria generativa (então reformulada como uma teoria de governo; cf. Chomsky, 1981). A psicologia adotou o conceito de comunicação não verbal (Argyle 1975; Feldmann e Rime, 1991; Hinde, 1972; Ruesch e Kees, 1970; Scherer e Ekman, 1982; Watzlawick, Bavelas e Jackson, 1967) e os gestos como parte da fala foram considerados apenas marginalmente relevante para esse campo de pesquisa. Pelo contrário, os movimentos corporais não relacionados à fala e com funções diferentes da linguagem atraíram maior interesse. Uma consequência disso foi um grande aumento na pesquisa da expressão facial (cf. EKMAN; ROSENBERG, 1997, para uma visão geral). Um clima tão acadêmico dificultou a busca de uma perspectiva linguística sobre gestos e linguagem ao longo dos anos 80.¹⁶ (MÜLLER, 2013, p. 58, tradução nossa)

O gesto tomado como *comunicação não verbal* se transformará no senso comum da ciência. Legado ao lugar de elemento não linguístico, a maior parte dos trabalhos desenvolvidos pelo estruturalismo ainda em voga e pelo gerativismo nascente desconsidera a possibilidade de este elemento *não verbal* seja de alguma maneira significativo (cf. MÜLLER, 2013).

Sobre isto Kendon (2000) constrói um olhar retroativo para os autores influentes no pensamento sobre a língua nos anos de 1970, enumerando suas definições que de alguma maneira vão de encontro aos gestos. Neste caminho encontramos Bloomfield (1933) que abordará o gesto como um acompanhante da fala submetido a algumas convenções sociais, mas não atrelados à fala/língua em si. Olhar diferente do oferecido posteriormente por Bolinger (1975) que afirma a existência de uma língua corporificada com gestos, uma vez que a definição do que é língua depende do ponto de vista de observador e da metodologia aplicada.

¹⁶In the seventies and also for most part of the eighties linguistics continued to be dominated by generative theory (then reformulated as Government and Binding Theory; see Chomsky 1981). Psychology adopted the concept of non-verbal communication (Argyle 1975; Feldmann and Rime' 1991; Hinde 1972; Ruesch and Kees 1970; Scherer and Ekman 1982; Watzlawick, Bavelas, and Jackson 1967) and gestures as part of speech were regarded as only marginally relevant for such a field of research. On the contrary, those body-movements not related to speech and with functions different from language attracted most interest. One consequence of this was a big increase in researching facial expression (see Ekman and Rosenberg 1997 for an overview). Such a scholarly climate made it difficult to pursue a linguistic perspective on gestures and language throughout the eighties.

Já temos então uma grande mudança no olhar, ampliando as possibilidades e concepções que encontra ainda um forte respaldo em Pike (1967) que considera que a língua pode existir de diversas maneiras simultaneamente, pois

[...] ele conta um jogo em que as palavras de uma frase são progressivamente substituídas por gestos. Dessa maneira, ele mostra como as formas de ação não-faladas podem ser integradas estruturalmente às formas faladas. (KENDON, 2000, p.48)

Temos então a constituição de um clima de opinião diferente da tradição que autoriza a construção de uma nova maneira de encarar os fatos da linguagem e da língua. Este movimento de análise dos gestos demonstrado por Kendon se consolida com os trabalhos de McNeill (1979) que propõe que os gestos e a fala são duas partes de um mesmo processo cognitivo, um sistema único de produção de linguagem, que possuiria um lado de construção de imagens gestuais e outro lado de construção de enunciados com palavras, existindo a possibilidade destes elementos se inter cruzarem para a construção de enunciados mistos.

Com o desenvolvimento das pesquisas, Kendon (1982) propõe que a língua seja na verdade constituída de dois lados de uma mesma *matriz*. Esta última noção se refere ao que seria a base de funcionamento de um código linguístico, que teria duas faces, uma verbal e outra imagética. A ideia da matriz surge da observação de que gestos e fala surgem concomitantemente em um mesmo processo de criação, logo o exercício cognitivo que produz a fala produziria também um arcabouço gestual.

Assim, a constituição dos vários *continua* gestuo-vocais propostos por Kendon e McNeill são uma ruptura parcial com a tradição dos estudos da linguagem, que posteriormente serão fortalecidos pelos adventos da tecnologia digital, abrindo espaço para uma nova concepção de língua que entrega aos gestos funções e relevância próximas às do material fônico. Esse movimento é, de certa maneira, uma quebra da supremacia da escrita nos estudos da linguagem, pois, a escrita, ao ser tomada como uma maneira de fixar a língua, coloca diante do sujeito a necessidade de construir técnicas e normas que não abrangem o todo da linguagem humana (cf. SOUSA, 2012). Uma observação cuidadosa dos gestos amplia a noção de língua e nos faz escapar da escrita enquanto guia de trabalho.

A concepção de língua como uma matriz gestuo-vocal se relaciona de diversas maneiras com o pensamento bakhtiniano. Bakhtin (2006) constrói uma visão da língua como

um fato humano. A língua se constrói e existe apenas em momento de interação real, por pessoas reais, não deixando espaço para que o trabalho seja restrito ao código em si. O olhar para os gestos é um chamado para o fenômeno linguístico em si mesmo, uma vez que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de forma linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciações ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. [...] Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006, p. 127)

É exatamente nessa percepção da língua como fenômeno social e na possibilidade de observar a comunicação verbal em outros tipos de interação que não apenas a oralidade que encontramos a confluência entre o pensamento bakhtiniano e um olhar para a língua através de uma matriz gestuo-vocal.

Além disso, a noção interacional da linguagem dá ao sistema da língua a responsabilidade por promover/mediar as relações humanas que são socialmente e culturalmente estabelecidas. O sistema seria um elemento da cultura e parte importante dos elementos que são considerados para a construção da noção de sujeito, no sentido social do termo.

A concepção de sujeito, de si e do outro, é basilar para o processo de aquisição de linguagem. Pois, uma vez que adotamos a concepção de língua como parte da cultura, é através dela que a criança será tida e tomará os demais como seres copartícipes de uma interação. Portanto, a língua é tomada como o centro da inserção da criança em todas as práticas culturais. Essa inserção se daria já dentro do útero, uma vez que antes mesmo de ter a possibilidade concreta de participar de interações, o feto já é um sujeito de língua nomeado pela comunidade e considerado pelos outros sujeitos como um interlocutor em potencial/presumido.

Ver a língua como estruturante da condição humana, e não como simples resultado de uma cognição biologicamente constituída, permite-nos a abertura para olhar a interação verbal como o nascedouro de indivíduos, sendo essa interação composta por elementos multimodais que abrangem a totalidade da interação, muito além do material linguístico fônico, isto significa que a abordagem do fenômeno da língua precisa ser ampliada para as interações construídas e para os indivíduos em sua totalidade.

Essa visão interacionista que parte do reconhecimento de si e do outro pode ser colocada ao lado das considerações de Tomasello (op. Cit.). Afinal, como ele mesmo afirma, a construção da intenção em um ato comunicativo pressupõe a noção de sujeitos que são capazes de agir mutuamente.

Neste viés, encontramos uma leitura ampliada deste fenômeno que considera que a fala materna constitui para a criança a noção de um *eu*, ao colocá-la na língua através da atribuição de significados e intenções comunicativas às produções vocais e gestuais do infante. Esta construção de um *eu* a partir do *outro* são elementos fundamentais para a inserção da criança no sistema da língua. Afinal, a criança é lançada no sistema linguístico pelo outro, a partir da leitura que seu par interativo faz de possíveis intenções em suas diversas produções. Logo, a aquisição da língua é feita por um processo social que abrange uma expressividade multimodal, ou seja, uma matriz única que inclui o direcionamento do olhar, os gestos, as primeiras vocalizações, esses são elementos que constituem um material linguístico presumido e significado pelo adulto que ajudam a criança a estabelecer as relações sociais e as estruturas da língua.

McNeill (1985) propõe que gesto e fala se encontram integrados numa mesma matriz de produção e significação, ou seja, o gesto corrobora com a fala, não sendo um substituinte, mas surge numa sincronia da fala com os movimentos intencionais expressos pelo corpo. Em estudos mais recentes, McNeill (2000), busca uma definição para gestos, afirma ser este um termo que necessita explanação, considerando o plural da sua significância. Ele afirma que prefere o termo no plural, pois há diversos momentos em que precisamos distinguir movimentos corriqueiramente nomeados de gestos. Ao unir gesto e fala numa única matriz de significação, expõe a tipologia gestual proposta por Kendon (1982) conhecida como o “*continuum* de Kendon” e explica como os gestos corroboram com a fala. Este *continuum* é composto por: gesticulação, gestos preenchedores, emblemas, pantomimas e línguas de sinais.

Tabela 2: Gestos de Kendon (1982)

	Definição	Características
Gesticulação	Acompanha o fluxo da fala. É um ato individual das mãos.	Presença de fala. Ausência de propriedades linguísticas;

Gestos preenchedores	São os gestos que ocupam um lugar na sentença, preenchendo um lugar gramaticalmente determinado.	Ausência de fala. Presença de propriedades linguísticas. Não convencional.
Emblemas	São gestos culturalmente definidos e com significado conhecido.	Presença opcional de fala. Presença de propriedades linguísticas. Parcialmente convencional.
Pantomimas	Gestos utilizados sem o fluxo da fala, representam ações do cotidiano.	Ausência de fala. Ausência de propriedades linguísticas. Não convencional.
Sinais	São os sinais de uma língua que utiliza gestos como matriz.	Ausência de fala. Presença de propriedades linguísticas. Convencional.

Fonte: do autor.

Observamos que a relação entre o gesto e a presença da fala, na sequência definida pelo autor, vai se estreitando, pois se analisarmos os tipos de gestos dentro dos *continuum* da esquerda para a direita (Gesticulação – Gestos Preenchedores - Pantomimas– Embleáticos - Língua de Sinais), compreendemos que: a presença de fala diminui; a presença de propriedades linguísticas aumenta e que os gestos individuais são substituídos por aqueles socialmente regulados.

Se tomarmos de partida a concepção interacionista da linguagem de Bakhtin (op. Cit) diríamos que até mesmo a gesticulação possui uma regulação social, uma vez que a consciência individual se faz no coletivo. Mas não é essa a leitura feita por Kendon.

Contribuindo com o trabalho iniciado através do *continuum* supracitado, McNeill constrói um conjunto de microcategorias como uma espécie de refinamento da proposta, mas antes de apresentarmos estas categorias vamos enfatizar um aspecto recentemente defendido por McNeill (2005) que parece central para a hipótese da existência da própria matriz.

As recentes descobertas e publicações de textos de autoria do próprio Saussure, como *Os escritos de linguística geral* (SAUSSURE, 2010) têm lançado um novo olhar sobre a proposta tal qual foi apresentada no CLG. Neste sentido, McNeill (2005, p. 79) aponta para um *novo Saussure histórico* lançando o debate de que a dicotomia saussuriana língua/fala estaria para ser substituída, pelo próprio autor, por uma noção dialética de dupla essência da língua.

A ideia seria a de que o sistema da língua só se realiza na práxis da comunicação verbal, ou seja, o contexto de uso interfere e participa da estrutura da língua. A leitura proposta por McNeill (2005) é que essa visão dialética incluiria os gestos como o par da fala, uma vez que o caminho apontado seria o de que o significado da palavra excede o signo e o sistema, pois se constitui no momento da interação em um nível pragmático.

Feita esta consideração, voltemos à proposta da matriz gestuo-vocal. McNeill estabelece um conjunto de microcategorias ligadas à natureza dos gestos de acordo com seu significado e utilização na estrutura da sentença. Estas são as divisões propostas por McNeill e Levy (1982):

Tabela 3: tipologias gestuais McNeill e Levy (1982).

Gestos icônicos	Gestos metafóricos	Gestos ritmados	Gestos dêiticos
Estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito.	Possuem a particularidade de referirem expressões abstratas.	São nomeados assim porque aparecem como o tempo da batida musical; as mãos se movem no mesmo ritmo da pulsação da fala.	São os demonstrativos ou direcionais.

Fonte: do autor

Para ilustrar as tipologias gestuais construímos alguns exemplos a partir de dados do corpus disponível no Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE/UFPB):

Ritmados e Icônicos – (dois gestos podem aparecer numa mesma situação). Situação: A díade está no quarto brincando de ninar uma boneca e uma caixinha de fita (figura 1). A

criança está com a boneca nas mãos, ninando. A mãe pega a boneca e a nina (figura 2), em seguida a criança faz o mesmo com a caixinha de fita (figura 3).

Ilustração 1: Exemplos de gestos ritmados e icônicos



Fonte: díade C, dados do Laboratório da Aquisição da Fala e da Escrita/UFPB.

Nesse contexto a criança faz uso do gesto ritmado ao balançar a caixa de fita de um lado para outro (sentido direita e esquerda), ao mesmo tempo em que usa a fita como uma representação da boneca, enquanto vocaliza a cantiga de ninar.

Dêitico - Situação: A interlocutora apresenta objetos para a criança e a criança escolhe o brinquedo apontando com outro objeto (figura 3). A criança em questão está em situação terapêutica e tem Síndrome de Down.

Ilustração 2: Exemplos de gestos dêiticos



Fonte: díade C, dados do Laboratório da Aquisição da Fala e da Escrita/UFPB.

Situação: A criança está folheando uma revista em interação com a mãe (imagem 1 e 2) – atenção conjunta – e a criança aponta com dedo indicador direito para uma imagem da revista, mostrando para mãe. No momento que a criança aponta (imagem 3) fala “tuta”.

Metafóricos - Situação: mostrando os carros de corrida para o pai. Criança: “veja, tem um carrinho aqui/de corrida. Gesto: metafórico (mão espalmada, elevada, representando o carrinho de corrida) no momento em que diz: “de corrida”.

Ilustração 3: Exemplo de gestos metafóricos



Fonte: dados do grupo GEALIM/UNESP/Araraquara, gentilmente cedidos.

Ao representar o carrinho de corrida com a mão, a criança faz uso dos gestos metafóricos. Os trabalhos que utilizam o arcabouço teórico aqui representado por Kendon e McNeill produziram reflexões sobre o papel dos gestos no processo de aquisição de linguagem e em processos de intervenção clínica. Mas antes de debatermos essas novas perspectivas é necessário que reflitamos sobre a influência da tecnologia no desenvolvimento destas pesquisas.

Os avanços tecnológicos nos permitiram observar a utilização de gestos com uma precisão e detalhamento até então não disponíveis para as reflexões. Sendo assim, introduziremos ao leitor o método base de observação dos gestos para depois falarmos sobre suas consequências.

ELAN: uma nova ferramenta, um novo ponto de vista

A partir dos anos de 1990 a informática despontou como uma tecnologia capaz de construir novas ferramentas e paradigmas. A invenção do computador nos moldes que temos hoje ampliou o trabalho até então desenvolvido, o de super calculadoras, para uma ampla gama de possibilidades.

Neste interim, o Instituto Max Planck de Psicolinguística iniciou a construção de ferramentas digitais que possibilitassem a catalogação de línguas ao redor do mundo. Muitos projetos foram desenvolvidos para diferentes objetivos, que iam desde a necessidade de

captar e construir notações sobre os sons da língua até a necessidade de registrar através de vídeos os usos da língua em situações naturalísticas.

Nesse interim surge o *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN) que é m programa dedicado à transcrição de vídeo e áudio simultaneamente em que

[...] um usuário pode adicionar um número ilimitado de anotações durante o fluxo de áudio e vídeo. Uma anotação pode ser uma frase, palavra ou glossário, um comentário, tradução ou descrição de qualquer recurso observado na mídia utilizada. As anotações podem ser criadas em camadas. Estas podem se organizar hierarquicamente e interconectadas ao tempo do vídeo. O conteúdo textual é então sincronizado com a imagem e com o áudio. (Disponível em: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/elan-description/> - tradução nossa)

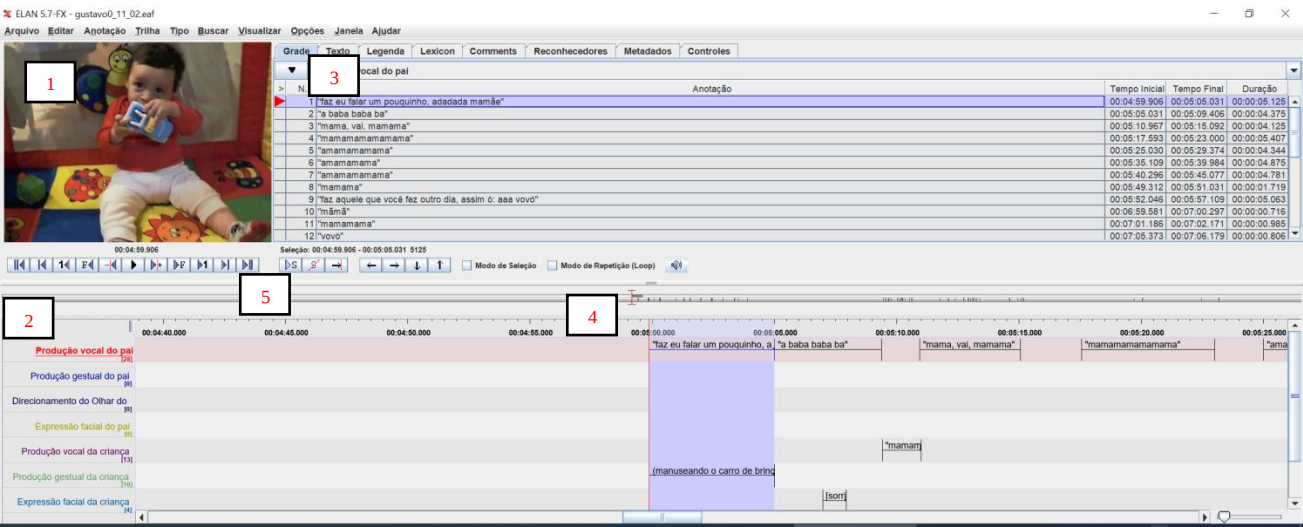
A possibilidade de descrever os elementos que compõe uma situação de uso natural da língua e sincronizar as descrições com o próprio dado é um divisor de águas para os estudos com gestos, pois a busca por evidências fica facilitada.

A primeira consequência disto é a retirada da exclusividade do debate sobre o uso de gestos do campo teórico e filosófico. Agora é possível observar como os elementos gestuais e orais realmente funcionam. Uma segunda consequência é a possibilidade de construir considerações a partir dos próprios dados e não mais do conhecimento que o teórico dispõe dos fenômenos das línguas.

Por fim, as reflexões sobre a natureza da língua podem agora ser contestadas, aprimoradas, reeditadas, a partir dos dados encontrados. Grosso modo, os dados podem auxiliar na constituição dos pontos de vista, movimento oposto ao que acontecerá no surgimento da linguística.

O software permite a visualização do vídeo trabalhado (1) e a construção progressiva de diversas trilhas (2) que são construídas de acordo com as necessidades específicas da pesquisa. Temos aqui um exemplo de trilhas que são decorrência da noção de envelope multimodal (ÁVILA-NÓBREGA, 2010) que nos permite observar a produção vocal, produção gestual, direção do olhar e expressão facial de cada partícipe. Esses dados são anotados através da redução da velocidade do vídeo e do áudio, permitindo grande fidedignidade aos fatos e a observância de possíveis sincronias entre os fatos, especialmente via o recurso nativo do programa “mescla” que une as trilhas e as compara de acordo com o momento de execução.

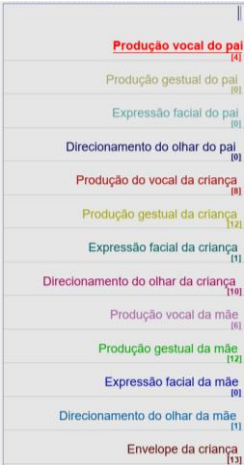
Ilustração 4: Interface principal do ELAN.



Fonte: do autor, dados da pesquisa.

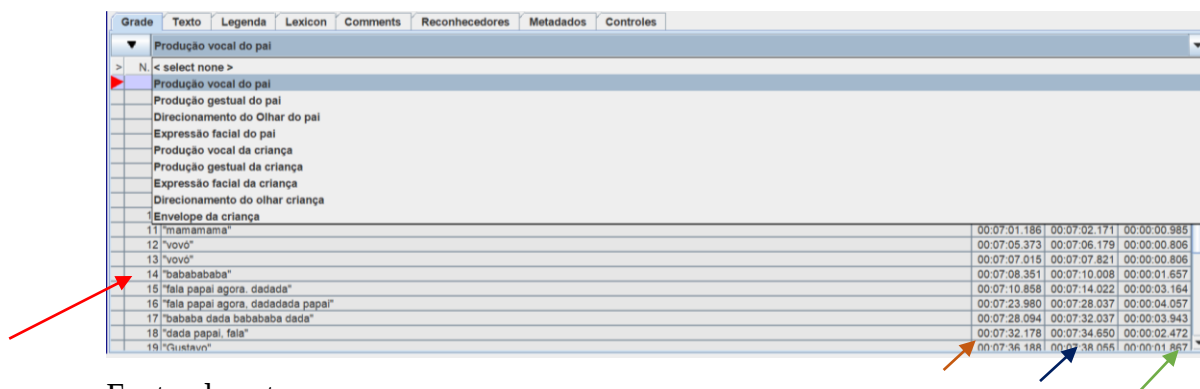
Na imagem 1 temos o local em que o vídeo é executado no programa, lado esquerdo da tela, podemos regular o seu tamanho de exibição para melhor observar aspectos como as expressões facial. Na imagem 2, ampliada abaixo, temos as trilhas utilizadas, na imagem 3 a grade de transcrições:

Ilustração 5: Trilhas construídas no ELAN.



Fonte: do autor

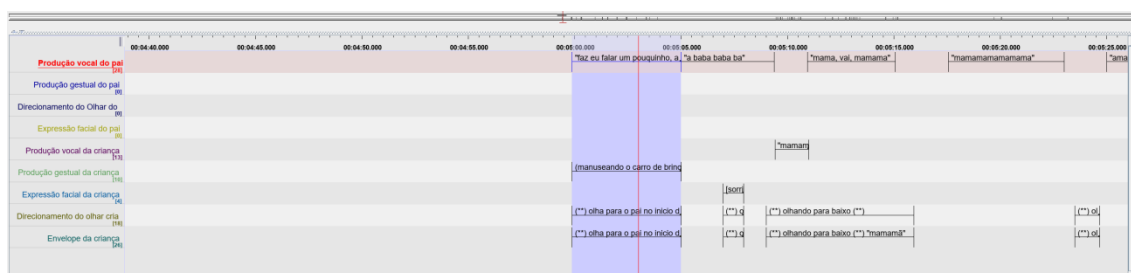
Ilustração 6: Grade do ELAN.



Fonte: do autor

Na grade é possível analisar tudo o que foi transcrito nas trilhas, na parte superior selecionamos a trilha desejada para análise. Na lateral esquerda temos a quantidade de transcrições na trilha (ver seta vermelha), na lateral direita temos o tempo inicial (ver seta laranja), duração (ver seta azul) e tempo final na transcrição (ver seta verde).

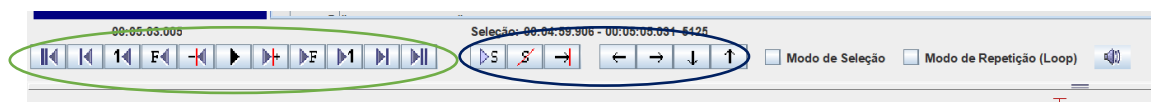
Ilustração 7: trilha de tempo.



Fonte: do autor

Na trilha do tempo é onde selecionamos o espaço para a transcrição na cena, é nela que se vê o tempo em que ocorrem os momentos desejáveis para análise.

Ilustração 8: controle de vídeo e recorte



Fonte: do autor

Essa é a parte do ELAN que controlamos o vídeo, na primeira (círculo verde) parte é direcionado ao vídeo por inteiro, na segunda (círculo azul) é direcionado a parte selecionada para transcrição, assim podemos ouvir com exatidão os minutos que ocorrem a produção vocal e gestual.

Com esta ferramenta os trabalhos contemporâneos realizam dois grandes movimentos teóricos, sendo o primeiro o da busca, debate e argumentação em favor da visão da língua a partir da matriz gestuo-vocal e o segundo o da ampliação dos conceitos através de um refinamento na observação dos dados. Partiremos agora para alguns trabalhos que têm sido construídos com este segundo movimento, consideramos aqui dissertações e teses que foram elaboradas nesta perspectiva da língua e que realizam inovações na abordagem dos gestos.

3. PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DOS ESTUDOS MULTIMODAIS

Nesta pesquisa debatemos os gestos como um dos pontos de análise da linguística. Os trabalhos que trouxemos, de diversas maneiras, apontam o caminho da multimodalidade como a resposta ao legado tradicional que retira o corpo da língua.

O termo multimodal é utilizado em diversas frentes de investigação, abrangendo desde elementos visuais e composicionais de brinquedos, fotografias e outros conteúdos de natureza mais visual que textual (cf. VAN LEEUWEN; CALDAS-COULTHARD, 2002). Entretanto, a terminologia é aqui utilizada no sentido de McNeill (1985), ou seja, consideramos a multimodalidade como a união de elementos orais e não orais em uma mesma estrutura linguística.

Essa perspectiva é ampliada por Ávila Nóbrega (2010) com o conceito de Envelope Multimodal que é a união de três ações específicas que trabalham conjuntamente para construir a comunicação. Estas três ações são: produção vocal, produção gestual e olhar.

O olhar é analisado de acordo com a teoria de Tomasello (2003) que classifica em Atenção de Verificação – quando o interlocutor principal chama atenção para o terceiro elemento da interação e o receptor leva o olhar para o objeto verificando aquilo que está sendo mostrado – Atenção de Acompanhamento – quando o receptor acompanha o movimento que o interlocutor principal faz para chama-lo até o terceiro elemento da interação – e Atenção direta – quando o terceiro elemento já está inserido na interação e ambos estão com a atenção voltada para tal. A segunda ação é o gesto, usa-se a classificação de Kendon (1982), são eles, gesticulação, emblema e pantomima. E por fim, a produção vocal que é o material fônico utilizado. É interessante percebermos que não são utilizadas duas classificações de Kendon (op. Cit.), a língua de sinais, por já constituir uma língua em si mesma e o gesto preenchedor¹⁷ por ter um uso que não acompanha a produção vocal diretamente.

O autor visa mostrar tais aspectos em díades, dupla mãe-bebê, o corpus é formado por duas díades, sendo um menino e uma menina com faixas etárias dos 07 aos 17 meses de vida cada criança, com vídeos filmados quinzenalmente com duração média de 20 minutos cada. Ressalta que a escolha da faixa etária se configura no que apresenta sobre atenção

¹⁷ O gesto preenchedor é aquele que “ocupa” um lugar da fala que seria originariamente destinado a um elemento fônico.

conjunta, de que a criança compreende a função do agente intencional e interage com o mesmo e/ou com um objeto estabelecendo assim a relação diádica aos 06 meses de vida, Tomasello (2003).

Na intenção de apresentar a língua como instância multimodal, em cenas de atenção conjunta, são feitas mesclas dessas ações, ações estas produzidas concomitantes por mãe e bebê durante as cenas de interação naturalísticas. Partindo disto, o autor observa a simultaneidade dos gestos recorrentes na fala, considerando que a criança desde a os primeiros momentos de vida já é sujeito interativo linguisticamente, desde que o outro permita a noção de língua dentro da multimodalidade.

Para a construção desse envelope, Ávila-Nóbrega (2010), adota a noção de língua multimodal, propondo a mescla das ações aqui já citadas baseando-se em McNeill (1985) e Kendon (2000, p.61) que assegura essa proposta em suas pesquisas com adultos e traz a língua como multimodal por apresentar a fala e os gestos de forma indissociáveis. Considerando isso, atrelado aos estudos do viés interacionista em aquisição da linguagem, vê-se que a criança está inserida num ambiente naturalmente multimodal em que os adultos em sua volta usam dessa mescla para se comunicar.

Diante desse estudos, percebemos a importância de compreender a relação dos gestos no comportamento comunicativo, ou seja, as variações de comunicação expressada pelo corpo como um todo. O autor inova na sua proposta pelo envelope multimodal em aquisição pois como ressalta “na literatura em aquisição de linguagem parece-nos que ainda não se pensou a respeito do uso da linguagem enquanto instância multimodal” (Ávila-Nóbrega, 2010, p. 89). Assim, comprova em suas análises que o envelope não só se aplica nessa construção de produções comunicativas do infante como está presente de forma considerável e facilitadora desse processo, permanecendo na fase adulta.

Em resumo, Ávila-Nobrega (2010) tem por objetivo acompanhar a emergência da língua enquanto instância multimodal em contextos de atenção conjunta vividos em situações naturalísticas em díades mãe-bebê. Como respaldo teórico, apresenta a noção de multimodalidade proposta de McNeill (1985) “como sendo a mescla das ações gesto-vocais”. Seus resultados mostram que a mãe faz uso do plano de composição multimodal dirigindo-se a criança que também interage à medida que adquire os componentes básicos da dialogia, ou seja, a multimodalidade vem pela interação com a mãe.

Os trabalhos aqui citados têm em Kendon (1982) a base de suas reflexões sobre a matriz gestuo vocal e as ferramentas para uma leitura multimodal. As tipologias gestuais propostas por Kendon (op. Cit.) foram construídas em estudos que possuíam adultos como base de dados e investigação. As reflexões construídas por Ávila Nóbrega e Cavalcante (2015) apontam para uma nova leitura do contínuo a partir dos dados de aquisição de linguagem que foram analisados.

Kendon constrói quatro *continuum*, cada um leva em conta um aspecto específico, a saber: presença ou ausência de relações com a fala; presença ou ausência de propriedades linguísticas; convenção ou não-convenção do gesto; característica semióticas sintéticas ou analíticas, estes quatro *continuum* foram aqui sintetizados ao tratarmos especificamente da proposta de Kendon (1982). Ávila Nóbrega e Cavalcante (2015) propõem uma adaptação para estes elementos tomando como base a observação empírica, pois

[...] no momento do uso dos gestos, tanto pela mãe, quanto pela criança nas cenas interativas, havia a presença da produção oral, ou seja, não havia o uso de algum elemento dissociado do outro. Mesmo que em nossos dados exista a marcação da “ausência” em alguns momentos, esse elemento “ausente” estava sendo sustentado pelo feedback do parceiro. Por isso, consideramos uma instância multimodal no uso da língua na relação mãe-bebê. (ÁVILA NÓBREGA e CAVALCANTE, 2015, p. 25-26)

A observação empírica fornece um ponto de reflexão sobre a teoria que não pode ser ignorado. Afinal, se nos dados não foram encontrados momentos em que a dissociação gesto/fala se concretiza, isto pode significar que a construção da matriz proposta pelo próprio Kendon (1982) é mais forte do que prevê o próprio *continuum*.

Seguindo essa linha, os autores elaboram uma análise quantitativa e qualitativa dos dados de três díades, após a reflexão e construção de uma análise com o arcabouço de Barros (2012), que demonstraremos a seguir, uma reconstrução da proposta de Kendon é realizada da seguinte maneira:

Tabela 4: Nova proposta de *continuum*

	Gesticulação	Pantomima	Emblemas	Língua de sinais
<i>Continuum 1</i>	Presença obrigatória de fala	Presença obrigatória de fala	Presença obrigatória de fala	Obrigatória ausência de fala

<i>Continuum 2</i>	Presença de propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas
<i>Continuum 3</i>	Parcialmente convencional	Parcialmente convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
<i>Continuum 4</i>	Global e sintética	Global e analítica	Segmentado e sintético	Segmentada e analítica

Fonte: ÁVILA NÓBREGA E CAVALCANTE (2015, P. 38)

Nesta proposta não existe mais o marcador *ausência* e *opcional*, como os autores enfatizam. A presença de fala surge para a gesticulação por se considerar que ocorre produção de gesto sem fala, da mesma forma, a convencionalidade se faz no contexto da díade mãe-bebê, por isso a parcialidade da convenção.

Esse novo olhar para o *continuum* fornece uma adaptação para a área de aquisição que pode também realizar o movimento investigativo inverso. Uma nova leitura dos aspectos convencionais e linguísticos dos gestos pode ser realizada no sentido de considerar a convenção e as propriedades linguísticas sob uma nova perspectiva, vale ressaltar ainda que o continuum foi construído em linhas pontilhadas para representar o processo de adaptação do continuum originário ainda em construção.

Prosseguindo com nossas leituras, ao abordar as produções vocais, Barros (2012) apresenta um continuum vocal desenvolvendo e investigando melhor as noções de balbucio, jargão, holófrases e blocos de enunciado, que são desenvolvidas ao longo dos estudos em aquisição. São eles assim definidos:

- 1) Balbucio - a produção de sílabas que têm, tipicamente, o formato consoante- vogal, por exemplo [ma, da, ba];
- 2) Jargão - É quando o contorno entoacional se estende a uma cadeia de sílabas ou um longo fragmento composto por sílabas ininteligíveis. Passa de balbucio tardio a jargão quando a entonação é considerada mais madura e os contornos são preenchidos por sílabas tipicamente da fase do balbucio (SCARPA, 2006).
- 3) Holófrase - São os primeiros enunciados da entrada da criança na sua língua materna.

Na produção da holófrase, temos a presença de estruturas predicativas nas quais, um dos termos é verbal e o outro buscado no contexto linguístico mais amplo, através de gestos corporais (olhar, apontar, por exemplo).

- 4) Bloco de enunciados – Alternância da produção de holófrases com enunciados completos. Nesse momento a criança já é capaz de fazer pedidos, perguntas e produzir respostas mais longas com significado completo, superando os enunciados holofrásticos.

Essa classificação é uma ferramenta que abre possibilidades de observação das produções vocais infantis, construindo a possibilidade de associações entre os tipos gestuais, suas funções e o tipo de produção vocal.

Seguindo esses postulados, Silva (2014) em sua pesquisa, apresenta os estudos em aquisição da linguagem numa perspectiva multimodal com os principais estudos de McNeill (1985) e Kendon (1982) que corroboram com o estudo dos gesto em aquisição. Para explorar as produções vocais propôs os estudos de Barros (2012), Scarpa (1995) e Merlo (2006). Traçando como objetivos analisar a presença dos gestos em especial a gesticulação concomitante com as produções vocais.

Esta proposta visa compor um terceiro elemento que seria a *fluência multimodal* que é a sincronia entre a gesticulação e as produções vocais. Para chegar as conclusões foram analisados vídeos naturalísticos de uma diáde com faixa etária de 06 a 24 meses de idade filmados quinzenalmente com duração média de 20 minutos cada vídeo.

Desta, constatou-se que a gesticulação e a produção vocal estão constantemente sendo construída nos primeiros meses de vida, corroborando com a proposta de que produção vocal e gestos compõem a fluência multimodal, ou seja, seus estudos confirmam a concepção de que gesto e fala compõem uma mesma matriz linguística, sendo assim, indissociáveis. Posteriormente, a mesma autora realiza novos estudos numa mesma perspectiva para contribuições dos estudos em aquisição da linguagem e multimodalidade, em defesa da presença do gesto no processo de produção vocal dos infantis em aquisição.

Ávila-Nobrega (2017) apresenta um arcabouço teórico com as contribuições de Marcuschi (2002; 2005) e Mondada e Dubois (2003) com seus “posicionamentos sobre a referência não ser um espelhamento da realidade das coisas no mundo, mas uma negociação de sentidos entre sujeitos na interação real, ou virtual”, além das contribuições de McNeill (1999) e Kendon (1982) no que diz respeito a multimodalidade para trilhar os objetivos da

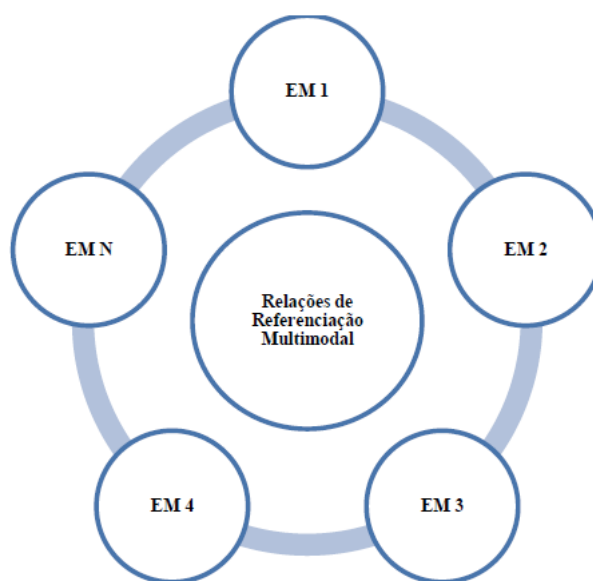
pesquisa em analisar o funcionamento da referência multimodal de três crianças com Síndrome de Down (SD) em cenas de engajamento conjunto em um contexto clínico. Os resultados

apontam que sujeitos se engajam em cenas de atenção conjunta (TOMASELLO, 2003; 2005; 2009) com as terapeutas e o uso de diferentes modos de linguagem faz emergir um conjunto de Sistemas de Referência Multimodal (SRM) resultantes da negociação de Objetos de Discurso (OD), ao longo dos encontros. Esses OD são negociados por relações de referência conhecidas como repetição, associação, reiteração e conexão. O direcionamento do olhar mais promissor nos encontros foi o de partilha de expectativa, seguido do olhar de acompanhamento. Os gestos dêiticos foram sempre destacados, seguidos de gestos icônicos”. (ÁVILA NÓBREGA, 2017, p. 24)

Assim como Silva (2014; 2018), o autor fez uso do ELAN para desenvolver suas análises. Seu corpus foi constituído por vídeos filmados coletados na Clínica Escola de Fonoaudiologia da UFPB, composto por 17 sessões com criança e terapeuta numa duração de 30 minutos cada.

Dentre as contribuições de Ávila Nóbrega (2017) ressaltamos os Sistemas de Referência Multimodal (SRM) como uma construção inovadora. A ideia é que o foco em diferentes Objetos do Discurso (OD) é negociado através de diferentes envelopes multimodais, resultando em um sistema de envelopes, vejamos a maneira como Ávila Nóbrega (2017) representa esse sistema:

Ilustração 9: Modelo de SRM.



Fonte: Ávila Nóbrega (2017, p. 100)

A proposta traz um grande avanço para o olhar sobre a língua. Se partirmos do conceito de SEM, somos levados a um olhar sobre o fenômeno da linguagem muito mais amplo que o olhar trazido pelo PTG até a linguística. Pois, a língua se constrói na interação, esta interação leva em conta os elementos gestuais e contextuais e se organiza enquanto um complexo sistema em que vocalizações, face a face, direcionamento do olhar e outros elementos colaboram. Em síntese, os diversos conjuntos multimodais – envelopes – que são construídos pelos participantes de uma interação se relacionam continuamente para a construção/negociação dos enunciados.

Silva (2018) apresenta uma nova pesquisa no viés de aquisição da linguagem e multimodalidade buscando compreender a relação construída entre as produções gestuais e vocais nas cenas de atenção conjunta de uma criança surda implantada, tendo como pressuposto teórico a proposta multimodal da língua, em que gesto e fala compõe uma mesma matriz cognitiva e significativa (McNEILL, 2000), seu aparato teórico são as considerações a respeito dos gestos, das produções vocais e da atenção conjunta como encontramos nos estudos de Scarpa (1995, 2004, 2009), Cavalcante(1994), Cavalcante e Brandão (2012), Galhano Rodrigues (2003, 2007, 2012), Goldin-Meadow (2003, 2013, 2014), Brandão (2010), Fonte (2011), Soares (2014), Tomasello(2003), e Costa Filho (2011, 2016) além de utilizar os pressupostos aqui já trabalhados em McNeill (1985, 2000), Kendon (1980, 1982, 1990), Cavalcante (2009,2010, 2015), Ávila Nóbrega (2010), Soares (2014). Foram utilizados vídeos filmados longitudinalmente e naturalísticos de uma díade entre seus 06 e 36 meses de vida, os quais foram analisados software ELAN.

Os dados destacam a atenção conjunta como uma importante estratégia desenvolvida pela mãe para estabelecer interação com a criança surda. No que diz respeito aos gestos, os resultados apontaram para a recorrência do gesto de apontar e para o crescimento da pantomima. As produções vocais infantis demonstram o surgimento do balbúcio após a construção da atenção conjunta por meio dos gestos. Com isto, pode-se ressaltar que a

“relevância dos componentes multimodais no período aquisicional da linguagem nos permite pensar e contribuir para que o dimensionamento dado apenas à percepção e à produção sonora não deixe de lado o processo de entrada da criança no plano da interlocução entre as produções gestuo-vocais com ocorrências de atenção conjunta” (SILVA, 2018).

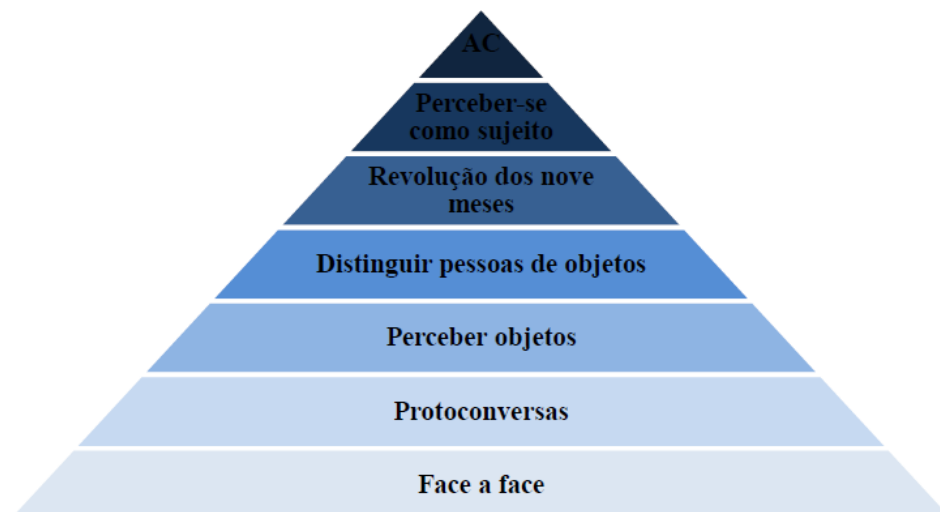
Este trabalho, assim como Ávila-Nobrega (2017), demonstra a relevância do estudo dos gestos para situações clínicas diversas. Afinal, se gesto e produção vocal fazem parte de uma mesma matriz é provável que o trabalho clínico possa utilizar os dois lados da matriz

ou instigar uma das duas facetas para tentar provocar o desenvolvimento da outra, tal qual aconteceu no trabalho de Silva (2018).

Além deste trabalho, Costa Filho (2016) propõe um estudo com o objetivo de analisar a relação entre criança e desenho animado buscando compreender como o processo de atenção conjunta se estabelece frente à estrutura televisiva do desenho animado e compreender como o processo da atenção conjunta pode ser importante para a consolidação da referência linguística. Um grande diferencial está no corpus da pesquisa, geralmente pesquisas relacionadas à atenção conjunta são voltadas para crianças ainda na fase de aquisição, nesta, considera-se que esse processo está presente na rotina infantil após a inserção da linguagem, então foram realizadas filmagens quinzenais de duas díades com idade pré-escolar, bem diferente dos bebês costumeiramente investigados.

Esse corpus configura um processo de atenção conjunta em que um dos participantes não está fisicamente colocado no momento da interação. Como bem afirma o autor, esse ponto de vista não havia sido debatido até então. Além disso, o conceito de atenção conjunta durante a aquisição da linguagem é debatido e revisitado através de uma associação com o conceito de andaimes (cf. COSTA FILHO, 2016, p. 25) que estrutura a atenção conjunta como o pico de um triângulo, no sentido imagético, de um processo interacional, representando uma gradação e relação entre os processos. Tomasello (2003) também tece considerações neste sentido, mas não utiliza a teoria dos andaimes para articular os diferentes momentos do processo que alcançará a atenção conjunta. Vejamos como o autor representou este processo:

Ilustração 10: Andaime da atenção conjunta.



Fonte: Costa Filho (2016, p. 29)

É importante frisar que a estrutura piramidal não implica em uma concepção retilínea do processo. A criança transitaria entre os diferentes estágios até que eles se consolidem por completo e alcancem a atenção conjunta.

Almeida (2018) em seu estudo mais recente intitulado "A matriz gesto-fala em narrativas multimodais infantis" agrega a discussão dos estudos linguísticos em Aquisição da linguagem numa perspectiva multimodal, trouxe a multimodalidade em aquisição da linguagem elencando três modalidades como essenciais nesta concepção: a cinética ou gestual, a vocal e a visual, limitando-se apenas na modalidade gestual e vocal para a investigação deste estudo. O principal objetivo foi observar a relação da matriz gesto-fala em contextos de relato de experiência, ou seja, investigar que função o gesto infantil assume ao longo da narrativa e sua relação com a fala. Para isto, fez uso do software ELAN para as transcrições e análises dos dados, o corpus de 18 crianças em idade pré-escolar entre 4 e 5 anos.

A autora apresenta suas considerações em torno da pesquisa concluindo que as crianças na faixa etária escolhida apresentam uma mudança de perspectiva nos momentos de narrações, "pois as crianças passam de reproduzir uma narrativa com o corpo todo, para reproduzir apenas com movimentos de mãos, braços e cabeça". Nestas narrações os mesmos apresentam todos os gestos presentes na classificação gestual de McNeill (1985), sendo eles, icônicos, dêiticos, metafóricos e ritmados.

concluímos que as crianças nessa idade se utilizam muito mais dos referenciais e operacionais do que dos modais, performativos e parsing, o que em certa medida faz sentido se pensarmos que estes últimos exigem um grau de complexidade maior de proficiência da linguagem, como mencionamos anteriormente. (ALMEIDA, 2018, p. 172).

Os gestos referenciais são os gestos dêiticos, icônicos, metafóricos e os emblemas e os operacionais são os gestos que operam em relação ao discurso, seja ele para confirmar ou negar aquilo que é dito, crianças dessa faixa etária, 04 e 05 anos de idade, fazem maior uso desses gestos pela facilidade em emprega-los no discurso, diferentemente dos modais, performativos e parsing que requerem uma complexidade em seu uso. Vejamos a definição deles trazido pela autora:

Os performativos expressam a força ilocutória dos atos de fala, revelando se o gesto indica uma pergunta, um pedido ou uma oferta, por exemplo; Os modais são descritos por Kendon como os gestos que dão estrutura interpretativa ao que é expresso na fala, indicando se o que é dito é uma hipótese, uma citação, se deve ser entendido literalmente ou como uma piada, por exemplo; Os gestos com função parsing são os gestos que dão ênfase ou contraste aos diferentes componentes do discurso, marcando-os em relação à sua estrutura, focalizando-os. (ALMEIDA, 2018, p. 35)

Além disso, mostra que as crianças fazem uso do prosódico na intenção de causar efeito no interlocutor, usando assim esse recurso a seu favor, o demonstra a autônima e papel ativo no uso da linguagem. Confirmando o que MCNEILL (1985) apresenta, por fim, a pesquisa comprova a simultaneidade do gesto durante a fala, ou seja, a fala e gesto numa mesma matriz, a qual nenhum dos dois elementos são substituídos um pelo outro, acontecem de forma que corroboram com os discursos e são mais presentes nas narrativas infantis.

Ao observar estes trabalhos podemos afirmar que um dos elementos centrais da Atenção Conjunta é a referenciação produzida gestualmente – na maioria das vezes – caracterizada por um gesto dêitico que permite o agente intencional tomar para si o objeto em questão como parte do contexto interativo. Também podemos observar e constatar que os gestos estão presentes nesse processo de aquisição da linguagem tanto em crianças típicas como em crianças atípicas com SD, sem distinções cognitivas acentuadas.

Portanto, a matriz gestuo-vocal construída enquanto hipótese nas últimas décadas do século passado tem se mostrado produtiva na observação do fenômeno da linguagem. Com o desenvolvimento das pesquisas novas evidências empíricas e debates de cunho teórico vão surgindo e fortalecendo a hipótese da multimodalidade da língua e sua relevância para o desenvolvimento dos estudos linguísticos das mais diversas áreas.

CONSIDERAÇÕES

Com nossas leituras sobre a abordagem dada aos gestos, conseguimos alcançar um amplo debate sobre a concepção de língua e as influências filosóficas e epistemológicas que o conceito de língua pode carregar. Dentre os diversos fatores elencados como influentes para o tratamento dado aos gestos podemos eleger o Paradigma Tradicional de Gramatização (VIEIRA, 2018) como um elemento chave.

Parece claro que a tradição grega é responsável pelo caminho epistemológico da linguística, nos permitindo e nos “proibindo” um conjunto de fazeres e fenômenos que limitam e guiam os trabalhos e as teorias. Isso acontece em Saussure, ao trabalhar uma relação entre língua, fala e escrita, sem considerar que o corpo possa fazer parte deste processo.

Acontece em Chomsky pela própria natureza da hipótese cognitiva da língua que retira do social e da interação a importância e consequências necessárias. Aparece também em Bakhtin, que apesar de ampliar a leitura do fenômeno não fornece uma clara abertura para estudos do tipo que buscávamos.

Em suma, consideramos que o nosso olhar pode fornecer aos elementos que compõem a tradição, trabalhados no PTG, uma nova dimensão, ou melhor, uma não dimensão. O Paradigma não autoriza estudos que levem o corpo em consideração. Essa inscrição pode ser vista no traço constitutivo do PTG que considera que “a língua equivale à sua modalidade escrita.” Mas, pelas leituras que fizemos, afirmar que a língua equivale à escrita e à fala, não necessariamente implica numa negação dos gestos.

Pois, os gestos foram tão sumariamente recusados, que a sua ausência não parece implicar o conhecimento da possibilidade de sua presença em uma abordagem linguística. Daí que a ênfase nos gestos nos parece necessária, mesmo que epistemologicamente incluída no traço constitutivo já existente.

Sobretudo, a recente e forte presença dos gestos na área de aquisição de linguagem é sintomática de um processo tradicionalista que lentamente se desfaz. Quando se trata da aquisição da linguagem é mais provável que o pesquisador observe fenômenos não prescritos

pela tradição de abordagem da língua, afinal, a criança utiliza recursos multimodais antes de começar a *falar*. O dado da multimodalidade se torna evidente, talvez seja esse um dos grandes legados que a área de aquisição tenha a passar para a linguística como um todo.

Ao mesmo tempo, a emergência dos recursos digitais possibilita uma análise mais minuciosa dos fatos, o que foi logo incorporado pelos estudos que buscam a multimodalidade e pelos que buscam traços acústicos específicos. Provavelmente, outras áreas da linguística terão que começar também a realizar estudos com uma metodologia semelhante, pois a possibilidade de observar o fenômeno com tamanha clareza pode induzir o pensamento geral sobre a língua a revisões interessantes e com consequências imprevistas na tradição.

Em síntese, a resposta para o nosso questionamento inicial sobre o motivo dos gestos não terem sido abordados ao longo dos estudos da língua parece girar ao redor do próprio conceito de língua. A maneira de conceber o fenômeno determina os objetos de análise. E, mesmo com o processo de fortalecimento de abordagens mais pragmáticas dentro da linguística, parece que a ciência ainda precisa se soltar das amarras da tradição gramatical.

Com isso não afirmamos que o legado da tradição, ou do PTG, deva ser descartado. Como já previne Vieira (2018), os conhecimentos da tradição devem ser aproveitados e tem se mostrado um bom ponto de partida para as reflexões contemporâneas. A visão oferecida pela leitura deste trabalho é a de que a tradição deve fornecer pistas e não ser tomada como a realidade da língua. Isto tem sido feito pelo olhar multimodal.

Desta forma, o debate historiográfico da linguística pode também voltar-se para a constituição das categorias de estudos e fornecer o caminho epistemológico necessário para que as reflexões contemporâneas reconheçam suas limitações impostas pelo processo histórico de sua constituição.

Essa abertura permite que novos campos de estudos se estabeleçam e novas relações sejam evidenciadas, destacamos aqui os trabalhos desenvolvidos no âmbito da aquisição de linguagem, que têm fortemente contribuído no sentido de ampliar o que é observado e suas novas possibilidades, como as pesquisas que se relacionam com a Síndrome de Down e o Transtorno do Espectro Autista.

Os estudos direcionados para a gestualidade podem, e já o fazem, apontar novas possibilidades para o nosso conhecimento sobre a linguagem e nos fazer refletir sobre aquilo que estudamos na área.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Andressa T. C. M. C. B. **A matriz gesto-fala em narrativas multimodais infantis**. 2018 223 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- ALTMAN, Cristina. **História, estórias e historiografia da linguística brasileira**. In: BATISTA, Ronaldo Oliveira. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.
- ANDRESEN, J. T. Skinner and Chomsky thirty years later. **Historiographia Lingüística**, v. 17, n. 1–2, p. 145–165, 1990.
- ÁVILA-NÓBREGA P. V. **Dialogia mãe bebê. a emergência do envelope multimodal em contextos de atenção conjunta**. 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- _____. **O sistema de referência multimodal de crianças com Síndrome de Down em engajamento conjunto**. [s.l.] Universidade Federal da Paraíba, 2017.
- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.
- BAGNO, Marcos. **O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipóstase**. In: LAGARES, Xoa; BAGNO, Marcos. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. [s.l.] Hucitec, 2006.
- BOLINGER, D. **Aspects os Language**. Nova Iorque: Harcourt Brace. 1975
- BORGES NETO, J. Gramática Tradicional e Linguística Contemporânea: continuidade ou ruptura? **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**, v. 14, n. 1, p. 87–98, 2012.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston. 1933
- BRANDÃO, L.W.P. **Interação mãe-bebê surdo implantado: entre o ouvinte suposto” e o “aprendiz de ouvinte”**. 2010, 205 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2010.
- BRUNER, J. From communication to language: a psychological perspective. *Cognition*, 3 v., n. 3, p. 255-287, 1975.

CAVALCANTE, M.C. B. **O gesto de apontar como processo de co-construção na interação mãe criança** 1994. 189. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.·.

_____. **Da voz à língua:** a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê. 1999 239 f Tese (Doutorado em Linguística) -Universidade Estadual de Campinas, 1999

_____. **Rotinas interativas mãe bebê:** constituindo gêneros do discurso. Revista Investigações, Recife, v.21. n. 2, p. 153-170, 2008.

_____. (orgs) **Aquisição da linguagem em multimodalidade.** fed. Jon Pessoa Editora da UFPB, 2010.

_____. **Da voz à língua o manhês na dialogia mãe-bebê.** João Pessoa. Editora da UFPB, 2015.

CAVALCANTE, M C. B et al. **Gestualidade como uma pista importante da fala infantil.** Prolingua (João Pessoa), v. 10, n.1. p. 43-50, 2015.

CAVALCANTE. M. C. B; FARIA. E. M. B (ORG). Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade. NÓBREGA. P. V.; CAVALCANTE. M. C. B. **O Envelope Multimodal em Aquisição de Linguagem:** Momento do surgimento e pontos de mudanças. Cap. 11 – 44. Editora da UFPB, João Pessoa, 2015.

CAVALCANTE, M. C. B.; et al. **Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil.** Estudos Linguísticos, São Pato, v. 45, p. 411-426, 2016

CAVALCANTE M.C.B.; BRANDAO, LP Gesticulação e Fluência: contribuições para a aquisição da linguagem. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), campinas, v.1,p.55-66, 2012.

CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, A. T. DE M. C. **Manhês:** Qualidade vocal e deslocamentos na dialogia mãe-bebê. p. 25–39, 2012.

COSTA FILHO, J. M. S. **Atenção conjunta:** o jogo da referência na realidade virtual. 2016. 218 f. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Federal da Paraíba, 2016.

_____. **"Olá, Pocoyo!"**: A constituição da atenção conjunta infantil com o desenho animado. 139 p. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

CHOMSKY, N. **Que tipo de criaturas somos nós?** Petrópolis: Vozes, 2018.

COHEN, M. **Estruturalismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

CURTIUS, E. R. **Literatura europeia e Idade Média Latina**. São Paulo: Edusp, 2013.

DAMASCENO, J. R. **Introdução ao Estruturalismo em Linguística**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

DEZOTTI, L. C. **A invenção das classes de palavras**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

FIORIN, J. L. **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FONTE, R. F. L. da. **O funcionamento da Atenção conjunta na interação mãe-criança cega**. 2011. 317 f. Tese (doutorado em Linguística), Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2011.

GALHANO-RODRIGUES, **Fala e movimentos do corpo na interação face a face**: Estratégias de (des) focalização e co-funções conversacionais na manutenção de vez. 2003. 632f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2003.

_____. **O corpo e a fala**: Sinais verbais e não verbais na interação face a face. Lisboa, FCG/FCT, 2007.

_____. **O sons da fala**: A comunicação multimodal de um jovem com implante coclear. Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, 2012.

GOLDIN MEADOW, S . **Resilience of language**. What Gesture creation in deaf children can tell U5 about how all children learn tanguage? New York: Psychology Press 2003 (b)

_____. Our gestures help us learn In OLLER,C. et a (Eds.) **Body-Language-Communication: An intemational handbook on multimodality in Lhiman interaction**. Berlin. Mouton de Gruyter 2013(b), p: 702-803

GOLDIN-MEADOW. How gesture Works to change ourtmnds. Trends in Neuroscience and Eduction, v 3, n. 1, p4-8. 2014.

HUMBOLDT, W. VON. **On language - the diversity of human language and its**

influence on the mental development of mankind. Cambridge: [s.n.].

JUSTI, F. R. R.; ARAÚJO, S. F. Uma avaliação das críticas de Chomsky ao Verbal Behavior à luz das réplicas behavioristas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 267–274, 2004.

KENDON, A. The study of gesture: some remarks on its history. **Recherches semiótiques/semiotic inquiry**, n. 2, p. 45–62, 1982.

KENDON, A. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL, D. (Ed.). . **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47–63.

KENDON, A. Language 's matrix. v. 3, p. 355–372, 2009.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KOERNER, K. Questões que persistem em Historiografia Lingüística. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 2, p. 45–70, 1996.

LEROY, M. **As grandes correntes da lingüística moderna**. São Paulo: Cultrix, 1971.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

MARCHUSHI, L.A. Do código para a cognição no processo referencial como atividade criativa. **Veredas Revista de Estudos Linguísticos**. Vol. 06, N. 01. Juiz de Fora: UFJF, 2002. p. 43-62.

MARTELOTA, M. E. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MERLO, S. **Hesitações na fala semi-espontânea**: análise por séries temporais. Campinas, SP. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

MCNEILL, D. Gesture: a psycholinguistic approach. **The Encyclopedia of language and linguistics**, n. January, p. 58–66, 2006.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, X. C. ET AL (ORG. . (Ed.). . **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 49–88.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. **Construção dos objetos de discurso e**

categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. IN: CAVALCANTE, Monica Maria; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

_____. **A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual.** In: KOCH, Ingedore Villaça (org.) Gramática do português falado: desenvolvimentos. Vol. VI. Campinas, Editora da Unicamp: 2002. p. 105-142.

_____. **Referenciação e progressão tópica:** aspectos cognitivos e textuais. Cadernos de Estudos Linguísticos, Vol. 48, N. 1. Campinas, SP: UNICAMP: 2006. p. 7-22.

MOUNIN, G. **Clefs pour la linguistique.** Paris: Éditions Seghers, 1968.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. **Uma breve história da linguística.** Petrópolis: Vozes, 2018.

MÜLLER, C. (ET AL). **Body – Language – Communication.** Berlin: De Gruyter Mouton. Wundt, Wilhlem, 2013.

PALMER, D. C. On Chomsky's appraisal of Skinner's Verbal Behavior: a halfa century of misunderstanding. **The Behavior Analyst**, v. 29, p. 253–267, 2006.

PIKE, K. **Language in relation to a unified theory of the structure of humam behavior.** The Hague: Mouton. 1967

PLATÃO. **Fedro.** Belém: Edufpa, 2011.

SAUSSURE, F. DE. **Escritos de linguística geral.** 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

SAUSSURE, F. DE. **Curso de Linguística Geral.** 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOARES SILVA, P. M. Gestos e Produções Vocais: a fluência multimodal em aquisição da linguagem, 2014. 94f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2014.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Revista Confluência**, v. 44/45, p. 192–210, 2013.

SWIGGERS, P. **A revolução tecnológica da gramatização.** 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.** São Paulo:

Martins Fontes, 2003.

VIEIRA, F. E. **A gramática tradicional: história crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

VOEGELIN, E. **O Mundo da Pólis**. São Paulo: Loyola, 2009